

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ  
UNIOESTE – CAMPUS MARECHAL CÂNDIDO RONDON  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, EDUCAÇÃO E LETRAS – CCHEL  
COLEGIADO DO CURSO DE HISTÓRIA

DANIELLE DA SILVA MAÇANEIRO BEIERSDORF

**Memória e testemunho: relatos de sobreviventes do Holocausto**

MARECHAL CÂNDIDO RONDON

2010

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ  
UNIOESTE – CAMPUS MARECHAL CÂNDIDO RONDON  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, EDUCAÇÃO E LETRAS – CCHEL  
COLEGIADO DO CURSO DE HISTÓRIA

DANIELLE DA SILVA MAÇANEIRO BEIERSDORF

**Memória e testemunho: relatos de sobreviventes do Holocausto**

Trabalho de Conclusão de Curso, sob orientação da Professora Dra. Méri Frotscher apresentado à Comissão Examinadora, como exigência para a obtenção do título de Licenciatura Plena em História, pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Campus de Marechal Cândido Rondon.

MARECHAL CÂNDIDO RONDON

2010

DANIELLE DA SILVA MAÇANEIRO BEIERSDORF

**Memória e testemunho: relatos de sobreviventes do Holocausto**

Monografia aprovada como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em História, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, campus de Marechal Cândido Rondon, pela seguinte Banca Examinadora:

---

Profa. Dra. Méri Frotscher - Orientadora

---

Prof. Dr. Marcos Nestor Stein - Membro da Banca Examinadora

---

Prof. Ms. Alexandre Blank Batista - Membro da Banca Examinadora

MARECHAL CÂNDIDO RONDON

2010

**DECLARAÇÃO DE AUTORIA**

Eu, Danielle da Silva Maçaneiro Beiersdorf, R.G. 8.137.533-0, CPF. nº 041,778.759-61, residente do endereço: rua Ceara, nº. 1384, centro, Marechal Candido Rondon, PR; Declaro que a monografia aqui apresentado é de minha exclusiva autoria, assumindo portanto, total responsabilidade sobre ela.

---

Assinatura

## **RESUMO:**

Este trabalho tem como objetivo analisar testemunhos de sobreviventes do Holocausto como fonte para a História. A partir da análise dos testemunhos, o trabalho tem como objetivo principal analisar a construção da narrativa, pontuando suas condições de produção e publicação, buscando interpretar os silêncios e as ênfases e outros elementos que interferem na construção dos relatos. Busca ainda discutir a relação entre memória, narrativa e sensibilidades, traumas, sentimentos de culpa e humilhação. O trabalho discute três autores em especial: Primo Levi, Elie Wiesel e Chil Rajchman, os primeiros, autores mais conhecidos pelas suas publicações, e o último, autor de livro recentemente publicado.

**Palavras – chaves:** Memória, testemunho, história.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, principalmente a minha mãe e sogra que estiveram ao meu lado em todos os momentos durante estes anos de graduação.

Em especial ao meu marido que por vezes me fez lembrar que o caminho pode ser difícil, mas que ele sempre iria estar lá para me ajudar a levantar quando eu caísse, enxugou as lágrimas das decepções com as notas, dormiu com a luz ligada para que eu pudesse estudar mais algumas horas, me ajudou até a fazer os trabalhos. Esteve sempre comigo.

Aos meus filhos queridos, Djenifer e Gabriel que suportaram sem reclamar as ausências, nas festas da escola e apresentações, a falta de dar boa noite antes de dormirem e a imensa paciência que tiveram quando dizia que não dava pra ir brincar com eles.

A minha filhinha Luiza que teve de compreender desde muito pequena que estudar era importante, mesmo que tivesse que ficar só com o pai em casa.

Agradeço aos professores da graduação, que me ensinaram a compreender o mundo de outra forma, em especial agradeço à professora Ivonete, que durante o terceiro ano da graduação me fez com palavras sábias ter força para continuar; ao professor Rinaldo que fez com que as aulas de teoria fossem as com as quais eu mais me identifiquei durante todo o curso; em especial agradeço a minha professora e orientadora Méri Frotscher que acreditou em um projeto, movido pelo desejo de entender um período da história e que se transformou em um trabalho envolvente e prazeroso de ser executado. Agradeço pelas orientações que elucidaram tantas das minhas dúvidas e que me “ensinaram a escrever”.

Agradeço imensamente a todos os meus colegas da graduação. Todos fazem parte da minha história e estarão guardados com muito carinho em minha memória para sempre. Mas em especial agradeço a minhas grandes amigas Marlete, Raquel e Margarete, pelos trabalhos em grupo, pelas horas de estudo, pelas vezes que não me deixaram desistir, pelas fofocas e brincadeiras, parte do meu trabalho só se realizou devido a grandes pessoas como vocês.

Agradeço a todos que contribuíram para a conclusão desse trabalho, todos que de uma maneira ou de outra contribuíram, pela força e pela amizade.

## FUGA SOBRE A MORTE

Leite-breu d' aurora nós o bebemos à tarde  
nós o bebemos ao meio-dia e de manhã nós o bebemos à noite  
bebemos e bebemos  
cavamos uma cova grande nos ares  
Na casa mora um homem que brinca com as serpentes e  
[escreve  
ele escreve para a Alemanha quando escurece teus cabelos de  
[ouro Margarete  
ele escreve e aparece em frente à casa e brilham as estrelas ele  
[assobia e chama seus mastins  
ele assobia e chegam seus judeus manda cavar uma cova na terra  
ordena-nos agora toquem para dançarmos  
Leite-breu d'aurora nós te bebemos à noite  
nós te bebemos de manhã e ao meio-dia nós te bebemos à tarde  
bebemos e bebemos  
Na casa mora um homem que brinca com as serpentes e  
[escreve  
que escreve para a Alemanha quando escurece teus cabelos de  
[ouro Margarete  
Teus cabelos de cinza Sulamita cavamos uma cova grande  
[nos ares onde não se deita ruim  
Ele grita cavem mais até o fundo da terra vocês ai vocês ali  
[cantem e toquem  
ele pega o ferro na cintura balança-o seus olhos são  
[azuis  
cavem mais fundo as pás vocês ai vocês ali continuem tocando  
[para dançarmos  
Leite-breu d' aurora nós te bebemos à noite  
nós te bebemos ao meio-dia e de manhã nós te bebemos à tardinha  
bebemos e bebemos  
Na casa mora um homem teus cabelos de ouro Margarete  
teus cabelos de cinza Sulamita ele brinca com as serpentes  
Ele grita toquem mais doce a morte a morte é uma mestra  
[d' Alemanha  
Ele grita toquem mais escuro os violinos depois subam aos  
[ares como fumaça  
e terão uma cova grande nas nuvens onde não se deita ruim

Leite-breu d'aurora nós te bebemos à noite  
nós te bebemos ao meio-dia a morte é uma mestra d' Alemanha  
nós te bebemos à tarde e de manhã bebemos e bebemos  
a morte é uma mestra d' Alemanha seu olho é azul  
ela te atinge com bala de chumbo te atinge em cheio  
na casa mora um homem teus cabelos de ouro Margarete  
ele atija seus mastins contra nós dá-nos uma cova no ar  
ele brinca com as serpentes e sonha a morte é uma mestra  
[d' Alemanha  
teus cabelos de ouro Margarete  
teus cabelos de cinza Sulamita

Paul Celan, 1920-1970

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>CAPÍTULO I:</b>	
<b>HISTÓRIA, MEMÓRIA E TESTEMUNHO .....</b>	<b>12</b>
1.1. Memória e história.....	21
1.2. Os testemunhos.....	25
1.3. Testemunhos de sobreviventes do Holocausto.....	28
<b>CAPÍTULO II:</b>	
<b>O TESTEMUNHO AUTOBIOGRÁFICO DE CHIL RAJCHMAN.....</b>	<b>35</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>55</b>
<b>BIBLIOGRAFIA E FONTES.....</b>	<b>57</b>

## INTRODUÇÃO

O tema escolhido para a pesquisa é a análise de testemunhos do Holocausto.<sup>1</sup> O objetivo principal do trabalho é tentar compreender tais relatos como fontes históricas e analisar tais testemunhos a partir de discussões sobre memória e narrativa. A proposta também pretende discutir possibilidades e limites do uso destas fontes nos estudos sobre o Holocausto.

A justificativa para a escolha de tal tema é ampla. Não há um único motivo que tenha determinado a minha escolha, mas sim vários. Entre eles, o que merece mais atenção se deve a uma situação vivida na sala de aula, quando estudava ainda na rede pública de ensino. Numa aula de História, a professora então proferiu um longo discurso a favor das teorias e métodos utilizados durante o Terceiro Reich. Ao querer reforçar seu argumento, a professora afirmou que se os objetivos de Hitler tivessem sido alcançados, o mundo (incluindo o Brasil) seria um lugar muito melhor. Nesta altura da aula, uma das alunas negras se retirou da sala e, com ela, um grupo de outras alunas, sensibilizadas com aquelas afirmações absurdas. Acho que neste dia resolvi fazer faculdade de história, com o desejo de compreender melhor os acontecimentos extremos do século XX, entre eles o nazismo.

Além deste motivo há um muito importante, este centrado especificamente nas aulas de história contemporânea cursadas durante o ano de 2009. As mesmas eram voltadas também ao estudo de memórias de fatos e processos contemporâneos, através de relatos, memórias, biografias e livros, que aguçaram o gosto em trabalhar com fontes e com a problemática da memória.

Assim, analisando a história alemã, encontram-se elementos que irão levar ao Holocausto, durante a Segunda Guerra mundial, como a afirmação da superioridade racial. O nacional-socialismo instituiu o terror contra os grupos considerados inferiores e politicamente opositores. Um dos momentos em que a humanidade conheceu a mais “perigosa” das ambições, a “superioridade racial”. Uma nação como a Alemanha, tão desenvolvida no campo intelectual e artístico, foi o exemplo mais intenso de como o poder ou o desejo de se fazer poderoso pode levar pessoas a atos inimagináveis. Neste

---

<sup>1</sup> O termo Holocausto se difunde a partir de 1960, para diferenciar o genocídio nazista dos demais episódios do gênero. O significado do termo vem da tradução grega feita no século III a.c, “o sacrifício pelo fogo oferecido exclusivamente a Deus”. Os termos utilizados também podem ser: Shoah, termo mais utilizado na historiografia ou “Auschwitz”, por ter sido um dos maiores campos de extermínio do regime. Fonte: MARRUS, Michael Robert. A assustadora história do holocausto. (tradução Alexandre Martins). Rio de Janeiro. Ediouro, 2003.

sentido manifesta-se Paul Celan: “Onde se queimam livros, algum dia também será queimado seres humanos”.<sup>2</sup>

Um dos objetivos do nacional-socialismo era a eliminação dos indivíduos considerados pelas suas teorias “indignos de viver”. Além da eliminação física, durante o Holocausto houve a eliminação indiscriminada de todos os vestígios possíveis, documentos, fotografias, cartas, as câmaras de gás. Por conta disso, deste apagamento da memória, muitos sobreviventes do Holocausto passaram a investir no que se chamou de “dever da memória”. Os relatos existentes sobre esse genocídio são encontrados em diversas línguas e com diferentes objetivos. Entre eles há alguns muito expressivos e de maior repercussão, assim como outros de menor visibilidade. Os testemunhos, as autobiografias, poemas e outras formas de expressão, não apenas textuais, se multiplicaram em grande número após a década de 70 do século XX.

As fontes utilizadas no atual trabalho são os testemunhos. Entre os mais conhecidos figuram o diário de Anne Frank, que reproduz o diário de uma menina judia e os percalços que ela e sua família enfrentavam durante a tentativa de escapar da perseguição dos nazistas na Holanda; os livros de Elie Wiesel, ganhador do Prêmio Nobel de Literatura em 1986, cuja obra se destaca entre as autobiografias. Entre seus livros, destaca-se “A Noite”, em que relata o período em que esteve confinado no campo de concentração de Treblinka. Uma das maiores referências em relação a testemunhos do Holocausto é, sem dúvida, o autor Primo Levi, que tem uma bibliografia extensa referente ao tema. “É isto é um Homem” é o primeiro livro escrito sobre o tema, logo após a libertação do campo de concentração de Auschwitz, em 1946. Outros livros são publicados mais tarde, como “A Trégua” (1963), “A tabela Periódica” (1975), “Se não agora quando” (1982) e “Os afogados e os sobreviventes”, último livro do autor, lançado em 1986. Memórias de Janusz Korczak, judeu morto junto às crianças do orfanato em que trabalhava e o livro lançado recentemente em Abril de 2010, de Chil Rajchman, “Eu sou o último judeu de Treblinka”, entre outros.

A literatura sobre o Holocausto é extremamente densa, mas o objetivo do atual trabalho é compreender como uma fonte testemunhal pode ser analisada e interpretada.

A partir da análise deste relato o objetivo, em especial, é analisar a construção da narrativa, pontuando as condições de produção e publicação, buscando interpretar os

---

<sup>2</sup> Paul Celan, poeta judeu-alemão, nascido em Czernowitz, capital de Bukowina, cidade de predominância judaica e um dos centros culturais. Paul Celan (1920 – 1970). Fonte: A obra completa de Paul Celan encontra-se em CELAN, Paul. *Gesammelte Werke*. Drei Baende. Suhrkamp: Frankfurt am Main, 1983.

silêncios, ênfases, ressentimentos, traumas, sentimentos de culpa e humilhação.

O recorte temático foi encontrado após a leitura dos diversos relatos anteriormente citados. Porém a maioria deles já havia sido analisada intensamente. Os relatos de Primo Levi são analisados por diversos autores, entre eles, Giorgio Agamben (2008), Tzvetan Todorov (2002), Jeanne-Marie Gagnebin (2006), assim como os de Elie Wiesel. O relato de Janusz Korczak foi analisado em diferentes teses como, por exemplo, a dissertação de mestrado de Juarez Gomes (1999), da UNICAMP. Estes relatos também foram citados em diversos livros como referências de testemunho.

O livro de Chil Rajchman, recentemente publicado, ainda não foi analisado num trabalho de história, pelo menos no Brasil, pelo que temos conhecimento. Analisarei a sua obra, levando em consideração todos os demais testemunhos lidos para a monografia.

Os principais referenciais teóricos utilizados no trabalho são sobre memória e testemunho. Destacamos o livro de Giorgio Agamben, “O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha”, em que trabalha a análise de testemunhos, traumas, silenciamento e esquecimento; Tzvetan Todorov, através do seu livro “Memória do mal, tentação do bem”, o qual analisa a problemática acerca dos usos e abusos da memória em relação aos totalitarismos; Jeanne Marie Gagnebin, através do livro “Lembrar escrever esquecer”, em que trabalha os motivos das narrações e silenciamento de memórias. Utilizamos também diversos outros autores que trabalham a problemática do Holocausto.

O primeiro capítulo analisa e relaciona memória, história e testemunho, procurando perceber o papel do historiador da memória, as diferenças entre os discursos da testemunha e do historiador e as dificuldades acerca do trabalho com testemunhos.

O segundo capítulo analisa os relatos autobiográficos de sobreviventes do Holocausto, os silenciamentos, traumas e sentimentos de culpa relacionados aos fatos vividos durante o período concentracional.

## **CAPÍTULO 1: HISTÓRIA, MEMÓRIA E TESTEMUNHO**

Lutei com a necessidade de dizer e a absoluta impossibilidade de escrever. A cada dia adiei o que iria escrever ontem. A idéia vinha à memória, mas, logo, logo se esvaía naquele cansaço imenso... Tornei-me um esquizofrênico da memória ou de mim mesmo... Tendo tudo para contar, sempre quis esquecer.<sup>3</sup>

Os testemunhos sobre a Shoah<sup>4</sup> são extremamente abundantes, devido ao chamado “dever da memória”, associado ao Holocausto. Para muitas testemunhas trata-se de um dever falar sobre esse passado para que ele não mais aconteça. No campo da História também têm-se desenvolvido o campo de estudos sobre o Holocausto (*Holocaust Studies*), em que se discutem problemáticas relacionadas ao tema, entre elas os limites da representação do Holocausto. Também pessoas dedicadas a centros de documentação e museus têm-se ocupado com a memória do Holocausto. Entre eles se destacam os trabalhos da fundação Shoah<sup>5</sup> (USC Shoah Foundation Institute for Visual History and Education). O objetivo da Fundação é gravar e conservar depoimentos de sobreviventes e outras testemunhas do Holocausto, através do recolhimento de depoimentos em vídeo, criada por Steven Spielberg (1994). O museu Yad Vashem<sup>6</sup>, foi fundado em 1953 pelo parlamento de Israel, com o objetivo de preservar a memória dos seis milhões de judeus - homens, mulheres e crianças - assassinadas pelo regime nazista e seus colaboradores. A instituição recorda também o heroísmo e a luta dos combatentes (partisans) judeus e dos que lutaram nas revoltas dos guetos e de outras instituições espalhadas pelo mundo. No Brasil, destaca-se o projeto do Laboratório de Estudos da Intolerância da USP. Há ainda os trabalhos direcionados às escolas como por exemplo a IX jornada interdisciplinar sobre o ensino da história do Holocausto, publicado em 2009 e direcionado ao ensino de história nas escolas, onde podem ser trabalhados assuntos como segunda guerra, discriminação, racismo e direitos humanos.

---

<sup>3</sup> TAVARES, Flávio. *Memórias do esquecimento*. São Paulo: Globo, 1999. p. 11

<sup>4</sup> Shoah, é um termo em iídiche que significa catástrofe e destruição, é utilizado para definir o período concentratório e a eliminação dos judeus.

<sup>5</sup>Fundação da História Visual dos Sobreviventes da Shoah. Homepage: <http://hsw.com.br/framed.htm?parent=shoah.htm&url=http://www.vhf.org/>

<sup>6</sup> <http://www.yadvashem.org/>

O objetivo principal dos testemunhos é tentar fazer com que os fatos, ocorridos durante o Holocausto, não sejam esquecidos ou perdidos na memória da humanidade e que não se tornem apenas lembranças de uma guerra contra um regime totalitário.

Os testemunhos e os relatos, segundo Alejandro Baer,<sup>7</sup> são considerados exemplos de documentos históricos pela cultura judaica. Segundo o autor, os relatos começaram a surgir já com os primeiros *progroms*<sup>8</sup>, durante a Primeira Guerra mundial e se tornam mais frequentes a partir do martírio vivido pelos judeus durante o período nazista. Os relatos e testemunhos foram escritos na forma de diários, textos, poemas, cartas, sermões e ensaios biográficos, porém só alguns destes trabalhos foram traduzidos, sendo que a maioria ainda se encontra apenas em Iídiche.

A discussão da história do genocídio ocorrido na Alemanha durante o governo de Hitler, entre 1933 até 1945, é extensa, ocasionada pela grande comoção, causada na sociedade em geral, desde os primeiros relatos sobre os campos de concentração e o extermínio em massa, realizado em suas instalações. Com o genocídio de mais de seis milhões de judeus e outras etnias e grupos discriminados pelo regime totalitário.

Os relatos dos sobreviventes, tidos como fonte histórica, podem ser uma das formas de suprir as lacunas existentes, devido ao propósito sistemático de apagamento dos vestígios por parte do governo nazista. Este manipulou a história e a memória, através da destruição de todos os registros e documentos relacionados aos campos de concentração e, inclusive, dos corpos das vítimas assassinadas. Este é, inclusive, um dos argumentos utilizados por muitas organizações para investir na memória do Holocausto e em pesquisar as individualidades das vítimas.

Entretanto, não foi logo depois do final da Segunda Guerra que se iniciou esse movimento em favor da memória. Ele tem uma história, nem sempre linear e que não é a mesma nos diversos países. Devido a uma série de fatores, a memória ou a rememoração do genocídio foi deixada de lado ou pelo menos não foi tão valorizada durante um período de aproximadamente quarenta anos. Este tempo em que os fatos ficaram silenciados pode ser compreendido enquanto o resultado de uma série de

---

<sup>7</sup> BAER, Alejandro. Holocausto. *Recuerdo y representación*. Editora Losada. 1ª ed. Editora Madrid, 2006, p. 50

<sup>8</sup> Forma de perseguição violenta contra um grupo particular (geralmente com base na sua religião ou etnia), não só destruindo seus integrantes mas também o ambiente onde vivem, no caso do nacional socialismo a perseguição ocorria contra os judeus principalmente mas também a outros grupos como, ciganos, homossexuais, comunistas e testemunhas de Jeová. Fonte: FERREIRA, Marieta de Moraes (org.) História oral: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC - Fundação Getulio Vargas, 2000.

fatores. Dentre eles, o que o autor Dominick LaCapra<sup>9</sup> assinala como um dos principais motivos do silenciamento seria causado pela extrema “barbaridade” ocorrida nos campos e durante os anos da guerra. Outra possibilidade de explicação segundo o autor, é o trauma sofrido e pelas inúmeras perdas das vítimas, familiares e amigos.

A explicação de que os judeus teriam deixado de relatar suas memórias devido ao trauma sofrido é refutada por diversas testemunhas, entre eles o sobrevivente Elie Wiesel, uma das testemunhas do holocausto mais conhecidas, principalmente entre os norte-americanos. Elie Wiesel, após o confinamento e sua libertação, desenvolve um intenso trabalho em prol dos direitos humanos. Entre alguns de seus trabalhos está o “auxílio” a vítimas de catástrofes sociais, o autor atua junto aos principais conflitos civis como, por exemplo, na ex-União Soviética, Ruanda, Bósnia, Kosovo. Devido ao seu intenso trabalho em prol dos direitos humanos foi vencedor do Prêmio Nobel da Paz em 1986, com o qual estabeleceu a Fundação para a Humanidade. Entre as obras literárias que escreveu contabilizam-se mais de 40 títulos todos voltados aos crimes e acontecimentos do Holocausto, que o autor descreve como o pior crime “na história da humanidade”. Ele afirma que “O principal motivo do silenciamento foi causado pela falta de interesse da sociedade em ouvir as testemunhas”.

O silenciamento pode ser compreendido a partir de diversos fatores, como os que dizem respeito aos países e aos governos que estiveram envolvidos na Segunda Guerra Mundial e a sua relação com a história do holocausto. O desinteresse inicial em relação à “história do Holocausto” e de seus “sobreviventes” pode ser interpretado levando-se em conta tais diferenças. Logo após o final da Segunda Guerra, teve início a Guerra Fria, o que fez com que se mudassem as relações de força. Países aliados durante a guerra tornaram-se inimigos. Assim, a antes aliada URSS torna-se inimiga e o pólo oposto dos EUA. A Alemanha Ocidental transfigura-se em importante aliada no combate ao “perigo comunista”.

Alexander von Plato assim descreveu a situação dos motivos do silenciamento enfrentada pelos sobreviventes após a segunda guerra na Alemanha:

Todos esses alemães, muito diferentes entre si, velhos habitantes e refugiados, ex-soldados e mulheres evacuadas, grande número de antigos nazistas - a sexta parte da população adulta foi organizada no campo nazista -, os chamados Mitläufer (seguidores) e o

---

<sup>9</sup> LACAPRA, Dominick. *Representar el Holocausto: historia, teoria y trauma*. 1a ed. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2008.

pequeno número de oponentes e sobreviventes tiveram que viver juntos depois da guerra. Especialmente os sobreviventes dos campos de concentração nazistas tiveram que decidir se queriam permanecer na Alemanha. Nesse caso, ficaram em seu país natal e tiveram que viver com seus traumas, tiveram que enfrentá-los e enfrentar também a agressiva ignorância de muitas pessoas à sua volta que não queriam saber de nada sobre suas terríveis lembranças dos campos de concentração.<sup>10</sup>

A justificativa encontrada para o silenciamento na Alemanha está intimamente ligada à idéia de “vergonha e de culpa” da população e também pelas retaliações sofridas pelas forças de ocupação, devido à desnazificação dos envolvidos nos fatos ocorridos no país. O que levou o silenciamento da população que tinha como objetivo principal esquecer o período do nacional socialismo, devido à situação que tiveram de enfrentar não só os sobrevivente, mas também a população alemã, pode ter sido um dos motivos para o silenciamento da história e dos traumas vividos. O posicionamento logo após o fim da guerra, na década de 50-60, por parte do governo alemão, e o seu silenciamento perante os fatos ocorridos, está intimamente ligado ao fato da reconstrução não só do país, mas também da sociedade e da política interna do governo e na recuperação da “confiança” dos demais países.

A Itália e a França silenciaram tais memórias sobre os judeus devido ao envolvimento nos fatos e colaboracionismo em relação à deportação dos judeus para os campos de trabalho forçado e de extermínio.

Na França, ao contrário da Itália fascista, a campanha anti-semita já ecoava mesmo antes da invasão e só fez aumentar com a chegada dos alemães. Organizações políticas e jornais franceses de extrema-direita atacavam os judeus com as piores ofensas: “Morte aos judeus! Morte à vilania, à duplicidade, à esperteza judaica! Morte ao argumento judaico! Morte à usura judaica! Morte à demagogia judaica! Morte a tudo que é falso, feio, sujo, repugnante, negróide, mestiço, judeu!”, pregava o jornal francês *Au Pilari*, em 1941. O governo colaboracionista de Vichy não apenas adotou medidas humilhantes, como a obrigação do uso de estrelas amarelas e o carimbo em documentos, mas promoveu prisões e deportações em massa. Embora o regime de Vichy afirmasse que somente os judeus sem nacionalidade francesa seriam perseguidos, os de origem francesa que viviam nas regiões ocupadas também foram deportados. Assim,

---

<sup>10</sup> VON PLATO, Alexander. *Traumas da Alemanha*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, FERNANDES, Tania M.; ALBERTI, Verena (Org.) *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz/CPDOC - Fundação Getulio Vargas, 2000, p. 120.

tanto na Alemanha quanto nos países invadidos sabia-se que os judeus eram enviados em vagões ferroviários para algum lugar.<sup>11</sup>

Assim os testemunhos foram mais ou menos silenciados, em determinados períodos, dependendo de diversos fatores. Muitos relatos não encontraram ouvidos atentos, os que queriam relatar os acontecimentos encontravam dificuldades. Assim, a rememoração do Holocausto ficou restrita ao coletivo das vítimas.

No fim da década de 60 e início de 70, a partir principalmente do julgamento de Adolf Eichmann<sup>12</sup>, realizado no ano de 1961 em Jerusalém, houve uma intensa revisão dos fatos ocorridos durante a Segunda Guerra, especificamente em relação aos judeus e aos atos de exclusão social e econômica, os guetos, prisão e eliminação nos campos de concentração. Sobre o julgamento, Hannah Arendt escreveu o livro "Eichmann em Jerusalém", trabalhando especificamente o réu e sua atuação durante o período em que esteve envolvido com os "trabalhos" no campo de concentração, a análise do julgamento que resultou no livro ficou também conhecido por formular a idéia e consolidar o termo e o conceito da banalidade do mal.

A grande repercussão do julgamento através dos depoimentos de sobreviventes trouxe à tona fatos antes silenciados ou não conhecidos pelo grande público. No julgamento, as vítimas envolvidas (mais ou menos 100 sobreviventes dos campos de concentração) relatam os fatos que viveram durante o período concentracional. A partir desta situação de rememoração, os testemunhos passam a "ser ouvidos". De certa forma, o julgamento criou um espaço para a discussão da memória do genocídio. As vítimas começaram a se expressar de forma contrária o silenciamento anterior. O presente a partir do julgamento tornou-se um local apropriado para as discussões sobre o Holocausto.

O grande boom do uso e posteriormente das publicações dos testemunhos na história e outras disciplinas começa nos anos 80, a partir dos EUA, onde há uma organização das vítimas em prol da rememoração. A partir daí se estabelece o termo

---

<sup>11</sup> Ferreira. Jorge, Problematizando a Segunda Guerra Mundial, citando FERRO, Marc. *História da Segunda Guerra Mundial*. Tradução de Mauro Lando e Isa Mara Lando. São Paulo, Ática, 1995. Tempo, Rio de Janeiro, Vol. 1, nº 1, 1996, p. 189-194.

<sup>12</sup> Adolf Eichmann, foi capturado na Argentina em 11 de Maio de 1960, foi raptado por uma equipe de agentes secretos Israelitas liderados por Peter Malkin da Mossad (Serviços secretos Israelitas) após meses de observação. Foi levado para Israel num vôo, em 21 de Maio de 1960, foi julgado em Israel, em 11 de Fevereiro de 1961. Foi acusado de 15 crimes, incluindo, crimes contra a Humanidade, contra o povo Judeu. Durante todo o julgamento, Eichmann insistiu que apenas cumpria ordens. Foi condenado e recebeu a sentença de morte (a única pena de morte civil alguma vez levada a cabo em Israel), foi enforcado poucos minutos depois da meia-noite de 1 de Junho de 1962, na prisão de Ramla, perto de Tel Aviv. Fonte: <http://www1.yadvashem.org> acesso 10/11/09

*Shoah*, do iídiche, destruição e catástrofe, para definir o período do martírio dos judeus nos campos de concentração. Na Alemanha, ocorre uma redefinição da vítima a partir da década de 70, agora não sendo mais considerado como toda a população alemã, mas sim, as etnias e grupos perseguidos e eliminados durante os anos em que o nazismo dominou a Alemanha. Na Europa, os relatos de sobreviventes dão ênfase à necessidade de narração da barbárie como possibilidade de superação do trauma vivido.

A partir destas reformulações de conceitos sobre o holocausto, começam a multiplicação dos lugares da memória.

Estes “lugares de memória” tem se espalhado pelo mundo, como se houvesse uma globalização da história da Shoah, tal como se refere Andreas Huyssen. Hoje há, inclusive, um centro de memória ao Holocausto em Johannesburg, na África do Sul, e que procura conectar a história de sobreviventes do Holocausto residentes no país com a história recente do país (o Apartheid), através da discussão sobre os racismos na história. Entre os “lugares de memória” destacam-se o Yad Vashem Museum<sup>13</sup>, inaugurado no ano de 1953, o United States Holocaust Memorial Museum<sup>14</sup> museu e memorial nos EUA inaugurado na década de 80, o monumento ao Holocausto em Berlim<sup>15</sup> inaugurado em 2005, além de outros centros de documentação e arquivos, como os arquivos da Fundação Shoah e de inúmeras organizações judaicas<sup>16</sup>, entre diversos outros.

Entre outras formas de representação, encontram-se ainda os trabalhos de maior repercussão, entre eles os filmes *A Lista de Schindler* (1993), do diretor Steven Spielberg e *Shoah*, do diretor Claude Lanzmann, (1985, França).

---

<sup>13</sup> Jerusalén: Yad Vashem / Centro Zalman Shazar de Historia Judía. Yad Vashem, la Autoridad para el Recuerdo de los Mártires y Héroes del Holocausto foi fundado no ano de 1953 por uma lei do parlamento Israelita, a tarefa é documentar e comemorar a história do povo judeu durante o Holocausto, preservando assim a memória de cada uma das seis milhões de vítimas, preservando o legado do holocausto as gerações futuras, por meio de seus arquivos, biblioteca, museus, instituto de investigações, departamento de educação. Fonte: <http://www1.yadvashem.org/es/about/index.asp> primeiro acesso dia 10/11/09

<sup>14</sup> Fonte: <http://www.ushmm.org/> primeiro acesso dia 12/11/09

<sup>15</sup> O memorial concebido pelo arquiteto americano [Peter Eisenman](#) em 2005, coloca no coração da cidade uma marca simbólica aos que sofreram durante o Terceiro Reich alemão. São 2.711 lápides de concreto cinza espalhadas por um quarteirão inteiro.

Fonte: <http://www.viajandaunblog.pop.com.br/post/332/monumento-ao-holocausto-em-berlim> primeiro acesso 20/02/10

<sup>16</sup> Agudath Israel World Organization, Alliance Israelite Universelle, American Jewish Committee, American Jewish Congress, American Jewish Joint Distribution Committee, American Zionist Council, Anglo-Jewish Association, B'nai B'rith, Board of Deputies of British Jews, British Section of World Jewish Congress, Central British Fund for Jewish Relief and Rehabilitation, Conseil Representatif des Juifs de France, Concil of Jews from Germany, Delegación de Asociaciones Israelitas Argentinas (D.A.I.A.), Executive Council of Australian Jewry, Jewish Agency for Israel, Jewish Labour Committee, South African Jewish Board of Deputies, Synagoge Council of America, World Jewish Congress, World Union for Progressive Judaism, Zentralrat der Juden in Deutschland

Outra forma de representação do Holocausto são poemas, como os de Paul Celan (1920-1970), Anda Amir-Pinkerfeld (1902-1981), B. Janusz Korczak Abraham (1878-1942), as artes, a arquitetura (o Museu Judaico em Berlim) e mesmo as histórias em quadrinhos. Como os trabalhos de Art Spiegelman (*Die Maus*) que representam o infortúnio judeu através de imagens e interpretações mais subjetivas. Há assim uma reinterpretação da história e a ressignificação do Holocausto a partir da subjetividade da segunda geração.

Os sobreviventes do Holocausto, a partir dos relatos e da criação de “lugares de memória”, investiram na construção de uma identidade de grupo vitimado pelo nazismo, exigindo punição aos culpados e reconhecimento da história dos campos de concentração como um crime contra a humanidade, pautados no “dever da memória”.

No entanto, esta exaltação do “dever da memória”, da “justa memória” e até mesmo da “testemunha exemplar”, traz uma imensa preocupação, em relação aos usos da memória, e até mesmo pelo excesso de discussões acerca do mesmo tema. O excesso de discussões tende a tornar o assunto (Holocausto) de certa forma “explicável”. Com esta preocupação o historiador Yehuda Elkana afirma que:

A história e a memória coletiva representam uma parte fundamental da cultura, mas o passado não é e não deve se tornar o elemento determinante do futuro de uma sociedade e de um povo. (...) É preciso parar de se ocupar todo o tempo com símbolos, cerimônias e lições sobre a Shoah. Chegou o momento de arrancar, de desenraizar nossas vidas do fardo dessa lembrança.<sup>17</sup>

A idéia de um “dever da memória”, no caso dos sobreviventes, se deve principalmente à veiculação de teses negacionistas e revisionistas, formuladas por autores como Paul Rassinier, Faurisson e outros. Ambos negam a existência de campos de concentração e câmaras de gás<sup>18</sup> e não consideram que os testemunhos sejam possíveis de serem analisados e utilizados enquanto fontes históricas. Este posicionamento, segundo Pierre Vidal-Nacquet<sup>19</sup>, é uma forma de “substituir uma verdade insuportável”.

---

<sup>17</sup> Discussão exposta no texto: LORIGA, Sabina. *A tarefa do historiador*. In: *Memórias e narrativas (auto) biográficas!* Angela de Castro Gomes e Benito Bisso Schmidt, organizadores – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. p. 17.

<sup>18</sup> As análises destes autores encontra-se no livro de: VIDAL-NAQUET, Pierre. *Os assassinos da memória: um Eichmann de papel e outros ensaios sobre o revisionismo*. Tradução de Marina Appenzeller, Campinas, SP: Papirus, 1998.

<sup>19</sup> Idem. p. 45.

Compreendem os autores que são contra o negacionismo que, no caso das memórias da Shoah, não há apenas a busca pela rememoração dos fatos, mas o intuito de não deixar que as memórias sejam entorpecidas por discursos e idéias distorcidas. Assim, o indivíduo desempenha um papel importante enquanto agente histórico, papel com o qual se constituem os “valores” morais da sociedade, reflexiva e consciente.

O “dever da memória” ou “memória justa” é muito abordada, por muitos dos sobreviventes, como Primo Levi<sup>20</sup>, como por intelectuais que analisam a violência perpetrada por regimes totalitários e a problemática da memória de tais fatos. Tzvetan Todorov problematiza os apelos em favor de um “dever da memória”:

Hoje em dia, dizem-nos com freqüência que a memória tem direitos imprescritíveis e que devemos constituir-nos enquanto militantes da memória. Mas convém dar-se conta de que, quando se ouvem estes apelos contra o esquecimento ou a favor do dever da memória, na maioria das vezes não é para um trabalho de resgate da memória, de estabelecimento e de interpretação dos fatos do passado que estamos sendo convidados (...), mas antes para a defesa de uma seleção de fatos dentre outros, aquela que garanta aos seus protagonistas a manterem - se no papel de herói, de vítima ou de moralizador, por oposição a qualquer outra seleção que ameace atribuir-lhes outros papéis menos gratificantes.<sup>21</sup>

Segundo esta observação de Todorov, pode se compreender que “justa memória” seria aquela pela qual a rememoração é orientada por um motivo maior do que a “simples” busca pela reconstrução ou rememoração do passado. As vítimas do holocausto e seus sobreviventes narram e dão seu testemunho a partir de questões do presente, ou seja, a “história dos sobreviventes” ao ser confrontada, tende a buscar uma legitimação.

Segundo Alejandro Baer<sup>22</sup> a memória evocada pelos sobreviventes não é uma memória de grandes heróis, nem tão pouco tem a pretensão de tornar-se a memória oficial do holocausto. Os testemunhos são feitos para rememoração da história do indivíduo e do grupo, das histórias de vida, preservando as características e disparidade de cada protagonista envolvido nos fatos.

---

<sup>20</sup> LEVI, Giovanni. *Usos da biografia*. In: *Usos & abusos da história oral*/ Janaina Amado e Marieta de Moraes Ferreira, coordenadoras. – 5 ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. p. 167

<sup>21</sup> TODOROV, Tzvetan. *Memória do mal, tentação do bem* / tradução de Joana Angélica D’Avila Melo – São Paulo: Arx, 2002. p. 206.

<sup>22</sup> BAER, Alejandro. *Holocausto, Recuerdo y representación*. Editora Losada. 1ª ed, mayo de 2006; Madrid, p. 36.

Segundo Maurice Halbwachs<sup>23</sup> a memória é reconstruída a partir de “perguntas” e “situações” do presente e em diálogo com a sociedade. Tanto a reconstrução individual quanto a coletiva constrói identidades a partir do momento presente. A rememoração dos fatos e a proliferação de testemunhos só foi possível a partir do momento em que a memória dos sobreviventes esteve ameaçada pelos revisionistas. O presente também se torna local apropriado quando a vítima já está em idade mais avançada e não precisa mais se preocupar com o julgamento de seus atos, mesmo que a “culpa” existente seja uma culpa infundada e mesmo absurda.

Pollak<sup>24</sup> afirma que a memória utiliza-se dos momentos propícios para a recordação. Este sentimento de necessidade de recordar/testemunhar pode ser despertado por fatores externos ao indivíduo. Entre eles a busca pela “conservação” da identidade de grupo, que se opõe ao surgimento do negacionismo e revisionismo. Outro fator é a consciência das vítimas que irão desaparecer e não tem mais motivos para manter o silenciamento de suas histórias.

Jacques Le Goff analisa a memória e o esquecimento através da psicologia e as interações psicológicas no momento da rememoração:

Finalmente, os psicanalistas e os psicólogos insistiram, quer a propósito da recordação, quer a propósito do esquecimento, nas manipulações conscientes ou inconscientes que o interesse, a afetividade, o desejo, a inibição, a censura exercem sobre a memória individual. Do mesmo modo, a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva.<sup>25</sup>

Segundo Le Goff, a memória é o meio essencial pelo qual se mantém a identidade individual e/ou coletiva de uma sociedade. O autor aponta a memória coletiva como um meio de obtenção de poder, que é perpetuada através da tradição da criação de heróis ou monumentos comemorativos que desempenham o papel de forjar uma história “oficial” por uma classe dominante. Assim, os testemunhos segundo o

---

<sup>23</sup> HALBWACHS, Maurice, 18877-1945. *A memória Coletiva*, tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

<sup>24</sup> POLLAK, Michel. *Memória e identidade social*. Estudos históricos. Rio de Janeiro, vol. 5 n. 10, 1992.p 200- 212 .

<sup>25</sup> LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução. Bernardo Leitão. 2 ed. Campinas, SP; Editora da UNICAMP,1992. p. 426.

autor, foram inicialmente utilizados como meio de contestação desta “memória oficial/canonizada” inserindo na “história” a voz destes personagens silenciados pela oficialidade memorialística e pelos traumas vividos no passado.

A memória do Holocausto tornou-se um meio de muitos indivíduos ou grupos se “afirmarem” enquanto judeus, os quais consideram o ocorrido como um fenômeno único e inexplicável. Segundo eles, os fatos ocorridos durante o período concentracional só podem ser “contados”/“relatados” por quem viveu a experiência, quem esteve nos locais e épocas em que isto ocorreu. Estas pessoas, segundo Elie Wiesel, tornaram-se “testemunha exemplar”.

### **1.1 Memória e história**

As fontes utilizadas no presente trabalho são testemunhos de sobreviventes dos campos de concentração nazistas. Estas fontes nos remetem a uma discussão sobre o caráter diferenciado dos testemunhos enquanto fonte histórica.

Os testemunhos já eram utilizados desde a antiguidade para reconstruir a história e as tradições da sociedade. No entanto, o estudo da memória é deixado de lado a partir da fundação e da instituição dos conceitos da escola positivista ou cientificista. Esta não considerava a memória enquanto uma fonte “verdadeira”, dando, assim, apenas legitimidade às fontes escritas, aos documentos. Segundo Le Goff, as fontes aceitas eram estritamente documentos textuais. Mas o autor afirma que mesmo os textos/documentos podem representar uma farsa, devido ao fato de que estes podem ser manipulados, alterados e escolhidos de forma a legitimar uma versão da história em detrimento a outra.

A partir do século XX, as fontes testemunhais e a memória enquanto campo de estudo da história são retomadas pelos historiadores do tempo presente. No entanto, o uso destas fontes memorialistas, enquanto válidas para a história, foi e ainda é muito contestado por alguns historiadores mais tradicionalistas.

A autora Helenice Rodrigues discute o porquê do receio dos historiadores em relação à memória e à sua confiabilidade;

Atribuída à noção de “experiência interior”, a memória, na tradição filosófica conotou, desde os tempos remotos, a idéia mesma de imaginação. A memória visaria, neste sentido, o passado construído

e transmitido por imagens e representações. Dessa percepção de uma memória influenciada pelo imaginário resultaria, segundo Ricoeur, a vulnerabilidade mesma deste conceito. Em outras palavras, a memória, visando unicamente à interioridade, torna-se objeto de dúvidas e de suspeitas.<sup>26</sup>

Segundo a autora<sup>27</sup>, a partir da década de 1980, o historiador do tempo presente se volta à memória enquanto campo de análise. A partir da incorporação e do uso de tais fontes na historiografia ampliaram-se os campos de pesquisa, trazendo à tona novos personagens e perspectivas históricas, bem como a revalorização dos estudos culturais e contemporâneos. Também é neste período que há uma revalorização dos estudos da subjetividade. Quanto à crítica ao trabalho com a subjetividade a autora Helenice Rodrigues afirma ser improvável o estudo da sociedade sem que haja envolvimento subjetivo, já que este permeia todas as interações sociais, pois é inseparável do indivíduo e das ações coletivas da sociedade.

A memória representa o “laço fundamental” para o estudo da história social, sendo a representação mais palpável dos acontecimentos/fatos do século XX. A partir desta perspectiva, de que a memória é um campo privilegiado de pesquisa, vários dos autores como Helenice Rodrigues, Paul Ricoeur, Jacques Le Goff, ressaltam a importância de se compreender as semelhanças e discrepâncias entre História e Memória.

Jacques Le Goff afirma que “a memória humana é particularmente instável e maleável...”<sup>28</sup> As justificativas para o posicionamento desconfiado de alguns historiadores podem estar baseadas na vulnerabilidade da memória, o que justificaria as críticas sobre o uso da memória enquanto fonte histórica, tanto pela sua subjetividade quanto pelo uso de suas “verdades”. Mais do que perceber as diferenças entre memória e história, estudos realizados a partir da década de 80 na França têm argumentado que memória e história não são dissociáveis. Estes trabalhos afirmam as suas semelhanças, entre outros aspectos, a busca comum da reconstrução do passado.

Ao contrário, Maurice Halbwachs, em trabalho precedente aos autores citados acima, afirmava que memória e história se separam tanto em sua categoria quanto em seu elemento. Segundo ele, a memória não se encontraria apenas no campo individual, sendo uma construção social, familiar ou comunitária e esta se retransmitiria, através da

---

<sup>26</sup> SILVA, Helenice Rodrigues. “*Rememoração/comemoração: as utilizações sociais da memória*.” Revista Brasileira de História. São Paulo, v.22, nº44 ,pp 425-438 2002 p. 426.

<sup>27</sup> Idem, p. 426.

<sup>28</sup> Le Goff, Jacques. Op. cit. p. 468.

tradição, e seria exclusivamente subjetiva. E a história começaria onde terminaria a tradição.

Porém, como dito, com os intensos estudos sobre a memória vários autores afirmam que há uma indissociabilidade entre memória e história, afirmando que as duas se “entrecruzam simultaneamente e continuamente”.

Posteriormente, surgem novas reflexões acerca da memória e história. Segundo estes estudos (principalmente a partir da obra de Paul Ricoeur<sup>29</sup>), a memória individual e coletiva serviriam como uma base para a criação de uma determinada identidade de grupo. O autor afirma que a linguagem é portadora do papel principal da memória, pois é através da narração que a memória se propaga, reconstrói e cria um paralelo entre memória x história, passado x presente.

Ainda seguindo esta lógica de raciocínio, Beatriz Sarlo afirma que “O passado é sempre conflituoso...<sup>30</sup> Porque a história nem sempre pode confiar na memória, e a memória desconfia da reconstrução que não leva em conta pontos ou aspectos relacionados à memória do passado”. O passado é o objetivo da memória e não há recordação que exista sem ter pertencido à história de vida ou de um conjunto social.

O passado nunca pode ser conhecido em sua totalidade, porém as lembranças, mesmo que trazidas à tona com certa descontinuidade, fornecem à história uma importante versão dos fatos. A memória é sempre anacrônica; “um revelador do presente” segundo Halbwachs<sup>31</sup>. A memória não é invariável e nem espontânea, as lembranças estão, (assim como a história) em constante reconstrução.

A memória do Holocausto surge de diferentes formas, às vezes devido à vontade própria de relatar, outras devido a fatos desencadeados no presente, como por exemplo o desencadeamento de um julgamento ou com o intuito de se manter a identidade de um grupo.

Os sobreviventes recordam no presente o fato ocorrido, portanto, é possível que eles sejam influenciados por fatos/memórias que ouviram após o fato vivido, coisas que ouviram falar ou que leram e souberam por outros sobreviventes. Assim o relato anexa à própria história a de outros indivíduos. Às vezes o fato pode ser contado de uma forma e depois de certo período pode ser acrescido de lembranças que antes não pertenciam ao testemunhante. Isto é inevitável.

---

<sup>29</sup> RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

<sup>30</sup> SARLO, Beatriz. *Tiempo pasado: cultura de la memoria y giro subjetivo. Una discusión* – la ed. La reimp – Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2007. p. 09.

<sup>31</sup> HALBWACHS, Maurice, op.cit.

Segundo Benjamin, os historiadores deveriam olhar para o passado com os olhos de quem os viveu para assim poder compreender o sofrimento e as ruínas vividas em determinado período e, assim, dissolvê-los frente aos fatos.

Ainda sobre o trabalho do historiador e em como lidar com a memória, Paul Ricoeur destaca duas formas do historiador se posicionar:

Estamos em uma situação historiográfica complexa e difícil, na qual a tarefa da história se revela bastante incerta e muito mal definida... a primeira, mais ambiciosa, quase onipotente, pede aos historiadores que ajam simultaneamente como guardiões da memória, especialistas juramentados e juizes imparciais... A segunda orientação, mais indulgente e talvez mais preguiçosa, tende, ao contrário, a suspender a responsabilidade política: em nome da opacidade do passado, de sua natureza estrangeira, renuncia-se a todo projeto ou mesmo todo o compromisso com a verdade do passado.<sup>32</sup>

Para tanto é necessário, segundo o autor, durante o trabalho do historiador, recuperar a confiabilidade dos testemunhos e “conservar o dever” da dúvida. O trabalho do historiador assemelha-se a do memorialista no ponto em que ambos buscam reconstruir uma história a partir do passado. Mas o trabalho com a memória requer uma série de análises. Segundo Paul Ricoeur cabe ao historiador e à história, como ciência, criticar, analisar as fragilidades da memória individual e coletiva.

A diferença entre memória e história encontra-se claramente descrita no artigo de Irene Pimentel<sup>33</sup>;

História e memória não são, porém, a mesma coisa. A memória apóia-se numa experiência vivida de um passado que deixou marcas nos atores, enquanto a história é conhecimento, através da distância que permite ao investigador libertar-se do passado e ter em conta as mudanças ocorridas nos homens e nas sociedades. É uma tentativa de reconstrução, de compreensão e de narração desse passado, respectivamente através do presente, do qual o investigador parte sempre.

A partir dos anos 80, como descrito anteriormente, a memória, a rememoração, as comemorações e os testemunhos ganham impulso nas disciplinas ligadas à sociedade. A história, memória e o silenciamento se cruzam como objeto de pesquisas, e de legitimação de grupos sociais. O maior impulso desta fase é a repercussão dos

---

<sup>32</sup> HALBWACHS, Maurice, op.cit. P. 18.

<sup>33</sup> PIMENTEL, Irene. Os silêncios da história.

testemunhos e a “justa memória” ou “dever da memória”. Isso passa a ser criticado por diversos historiadores, por conta dos abusos das narrativas.<sup>34</sup>

Para Helenice Rodrigues<sup>35</sup> o trabalho dos historiadores por vezes posiciona-se de forma contrária a das testemunhas devido ao fato dos primeiros acreditarem que para a legitimação de um fato as lembranças podem ser acrescidas de dados que de certa forma não aconteceram. No entanto, a anexação de memórias e fatos é comum a todas as narrativas da memória já que, para lembrar um fato, é necessário que haja uma reconstrução da história. Como já explanado anteriormente, nenhuma memória é somente individual, esta é construída socialmente e, portanto, é permeada de informações que não pertencem a uma única história.

## 1.2 Os testemunhos

O testemunho, enquanto fonte, é capaz de elucidar lacunas históricas que foram apagadas pelos opressores, pela sociedade em geral ou mesmo pelo tempo. Eles foram e muitas vezes continuam a ser criticados pelo excesso de subjetividade. Entretanto, a subjetividade permeia todas as ações sociais. Portanto, se por acaso a memória/testemunha necessitasse ser desqualificada pelo “excesso” de subjetividade, também deveriam ser desqualificados todos os estudos sobre a humanidade. Um dos trabalhos do historiador é compreender e analisar a subjetividade, já que a partir dela é possível fazer novas perguntas e encontrar novas perspectivas de pesquisa.

O campo de estudo sobre os testemunhos é bem amplo. As utilizações dos testemunhos englobam desde a afirmação de uma determinada fé ou religião, setores jurídicos, no campo da psicologia para compreender os meios que a memória utiliza-se e analisar momentos traumáticos, usos na etnologia, história oral, historiografia, utilização na literatura, filosofia, artes visuais entre outras disciplinas.

O estudo e as utilizações das formas testemunhais se inserem dentro de diversos campos de estudo com divergências de análise, que, no entanto se complementam formando uma estrutura multidisciplinar, demonstrando como as fontes testemunhais são muito ricas, e contribuem incomparável com a cultura e os estudos dos indivíduos e da sociedade.

---

<sup>34</sup> TODOROV, Tzvetan. op.cit. p. 242.

<sup>35</sup> SILVA, Helenice Rodrigues. op. cit. p.44.

Segundo Beatriz Sarlo, os testemunhos mais intensos começam a surgir após o fim da 1ª Guerra Mundial (1914-1918).<sup>36</sup> Toda memória ou narração sofre com a problemática que se introduz no presente, portanto é passível de erros. Segundo a linha de reflexão de Benjamin e sua filosofia, “a história é uma reivindicação e a memória é uma instância reconstrutiva do passado”.<sup>37</sup>

Assim, a memória/testemunho seria a forma de contrariar a idéia da história consolidada/canonizada. A memória seria uma forma de revelar a experiência vivida pelo ser humano e assim contribuiria para reparar os danos sofridos durante regimes ditatoriais, violências ou discriminações desnecessárias.

O testemunho é uma versão que deve ser analisada criticamente. Como todo documento histórico, é suscetível de falhas, lacunas e inverdades que devem ser pontuadas e analisadas interna e externamente. Mas a análise não deve se restringir a essas questões relativas à veracidade, pois ela é relativa. Assim, deve-se entender quem é a testemunha e quais as situações limites enfrentadas até o momento.

Segundo Le Goff, se tratando de documento, seja este escrito (cartas, diários, documentos oficiais) ou testemunho oral, cabe ao historiador fazer uma intensa crítica, e em primeiro lugar deve-se compreender que um documento, mesmo que considerado falso, deve ser considerado uma fonte. Um documento textual também sofre (mesmo legítimo) alterações e interpretações ao longo do tempo, um testemunho, uma memória só pode ser descrita a partir da reconstrução do fato pelo indivíduo que o viveu assim durante esta rememoração podem ocorrer alterações ou anexações de memórias.

A narração/testemunho ocorre no presente e, portanto, é por ele influenciado, a subjetividade, as interpretações das narrações, e a ligação do próprio sujeito com os fatos ocorridos, pois a divisão entre o sujeito e o fato é impossível. Portanto, o relato é individual e pode ser carregado de significados e explicações detalhadas sobre um determinado aspecto em detrimento de outro em que é possível localizar as lacunas.

A sociedade desde a antiguidade até os dias atuais é norteadada por memórias e conseqüentemente pelas manipulações das mesmas. Segundo Le Goff, as primeiras civilizações já se utilizavam de formas de propagação de tradições, criação e eliminação de conceitos, para fixar ou criar uma determinada memória para o seu povo, por vezes as tradições foram criadas ou reformuladas através dos interesses de uma determinada

---

<sup>36</sup> BENJAMIN, Walter, citado por SARLO, Beatriz. op.cit. p. 29.

<sup>37</sup> BENJAMIN, Walter. Idem. op. cit. p.33.

classe. As sociedades sem escrita já utilizavam os testemunhos, ou seja, a propagação da memória pela história oral para legitimar uma identidade ou uma tradição.

A acumulação da memória faz parte da vida cotidiana. Assim, define-se uma memória “objetiva”, que se baseia em fatos consolidados que os investigadores utilizam levando em consideração alguns critérios, de fatos e conseqüências, e outra uma memória “ideológica”, que ordena os fatos sobre uma perspectiva baseada na tradição, uma espécie de transmissão da memória. Como por exemplo, a transmissão dos conhecimentos de ofício na antiguidade, passada de pai para filho e, portanto, uma tradição e uma rememoração hereditária, o que define um grupo, uma classe, uma etnia e/ou uma sociedade.

A memória e sua propagação está ligada à humanidade, já que a mesma é utilizada para perpetuar situações, fatos, conquistas, vitórias, derrotas. Enfim, é através da memória que se mantém nas sociedades tradições, memórias individuais e coletivas; a memória e as formas de transmissão da mesma evoluem junto às sociedades e às suas novas formas de organizações sociais.

A memória só se “preserva” a partir de uma série de organizações do sistema nervoso, de forma biológica e psicológica para conservar informações de fatos e momentos vividos individualmente ou de forma coletiva, sua organização e reconstrução, portanto está ligada segundo alguns cientistas aos campos das ciências sociais. As formas de conservação da memória, além das ligadas ao sistema biológico, ligam-se também às formas de linguagem escrita e verbal, meios pelos quais a memória é consolidada, se propaga e se reconstitui.

O historiador não reconstrói o passado através da memória, mas sim da à recordação um sentido de história, passado, presente e um respeito às lembranças vividas. Há uma dualidade entre o uso dos relatos, se por um lado o testemunho é visto enquanto uma experiência vivida e, portanto compreendida através da subjetividade, há outro ponto que leva em conta que o relato pode ser modificado, tornando algo ou alguém herói ou denegrindo a imagem.

A memória pertence ao indivíduo e sua experiência é única e, portanto nem sempre pode ser completamente comprovada. Quanto a este problema deve se levar em consideração fatos históricos que já podem ser comprovados através de fontes materiais, não que estas sejam consideradas confiáveis, mas é totalmente possível contrapor, por exemplo, uma série de testemunhos sobre o mesmo campo de concentração, é claro, que as experiências vividas mesmo que por companheiros de “cela” tenham sido

semelhantes, nunca poderão ser interpretadas ou recordadas com a mesma intensidade por ambos, pois cada indivíduo é único e interpreta e vive de forma diversa a mesma situação.

### 1.3. Testemunhos de sobreviventes do Holocausto

O historiador Eric Hobsbawm<sup>38</sup> denomina o século XX como “A era das catástrofes”, já que este foi marcado por períodos devastadores da história da humanidade, como as guerras, o Holocausto, a Guerra Fria, os genocídios na Iugoslávia e em Ruanda, entre outros fatos. Seguindo esta linha de raciocínio, o século XX poderia ser descrito como o período das catástrofes sociais.

Com relação aos relatos de sobreviventes do Holocausto, diversos historiadores se referem às dificuldades destas testemunhas em relatar suas experiências. Helenice Rodrigues assim comenta sobre esta dificuldade:

Se, então, testemunhar é tentar preservar uma memória, para as testemunhas e/ou sobreviventes dos campos de concentração, narrar esta “experiência limite” é atestar a impossibilidade de dizer e de traduzir o indizível. Essa incapacidade de descrever o inimaginável, de nomear o indescritível, encontra-se presente na introdução do livro de um deportado, resistente.<sup>39</sup>

Os historiadores do tempo presente, envolvidos em pesquisas sobre tais “catástrofes sociais” que envolvem trauma e memória, após discussões acerca da metodologia e das possibilidades de análise de memórias, como testemunhos e outras fontes, desenvolveram reflexões teórico-metodológicas sobre o próprio papel do historiador. Os historiadores dedicados a tais tragédias sociais teriam como missão não encontrar a verdade dos fatos, mas sim compreender as razões que levaram a sociedade a tais desfechos e, assim, “reconstruir o passado”. Segundo Todorov:

O historiador: assim designo o representante da disciplina cujo objeto é a reconstrução e a análise do passado: e, de modo mais geral, toda pessoa que procure realizar este trabalho escolhendo como princípio

---

<sup>38</sup> Hobsbawm, Eric. *Era dos Extremos – Breve século XX 1914/1991*. Editora Companhia da Letras. SP 1994.

<sup>39</sup> SILVA, Helenice Rodrigues. *Narrar, transmitir, representar: o testemunho de um sobrevivente francês (Judeu e resistente) dos campos de concentração nazista*. *Revista Anos 90*, Porto Alegre, v.15, n. 28, p. 221-252, dez.2008. p. 226.

regulador e como horizonte último não mais o interesse do sujeito, mas a verdade impessoal.<sup>40</sup>

A testemunha, segundo Todorov, reconstrói o passado através da rememoração. Assim, lembra-se dos fatos que representam um maior sentido para a construção de sua identidade. Ainda segundo o autor:

Cada pessoa é testemunha de sua própria existência, cuja imagem ela constrói omitindo certos acontecimentos, retendo outros, deformando ou acomodando outros ainda. Esse trabalho pode alimentar-se de documentos (vestígios materiais), mas, por definição, é solitário... É verdade que o realizamos correndo riscos e perigos: o esquecimento voluntário gera remorsos, o recalque de certas lembranças leva à neurose. É o interesse do indivíduo que preside à construção dessa imagem: ela o ajuda há viver um pouco menos mal, contribui para seu conforto mental e seu bem-estar. Ninguém tem o direito de nos impor a imagem que temos de nosso próprio passado, embora sejam muitos os que ousam tentá-lo: em certo ponto nossas lembranças são irrefutáveis, pois valem por sua própria existência, e não pela realidade que a remetem.<sup>41</sup>

Analisando o livro de Todorov, no qual analisa a problemática da memória a partir da análise dos totalitarismos, localizamos alguns pontos significativos para este trabalho.

Primeiro: toda testemunha é única. Cada sujeito vive e interpreta situações de forma distinta. Quanto ocorre o ato de rememoração, o indivíduo tende a utilizar mecanismos de “proteção” de si próprio, em razão de traumas e culpas. A narração leva a testemunha a um ato individual de rememoração, assim há escolhas do que deve ou não ser reconstruído. Memória e esquecimento são pontos paralelos e interligados entre si e, portanto, não há recordação/rememoração sem testemunha, tampouco rememoração sem esquecimento.

O segundo ponto refere-se a uma relação entre narrar o que se viveu realmente e os fatos que são absorvidos, através de livros, da mídia, de outros testemunhos, de conversas com outras pessoas, etc. Este exemplo pode ser encontrado na análise do testemunho de Marianne Ellenbogen, pelo historiador Mark Roseman.<sup>42</sup> Em sua pesquisa sobre os relatos de uma judia que consegue escapar à deportação, o autor

---

<sup>40</sup> TODOROV, Tzvetan. op.cit. p.51.

<sup>41</sup> Idem. op.cit. p. 151

<sup>42</sup> PLATO Alexandre von. *Painel Traumas da Alemanha*. In Ferreira, Marieta de Moraes (org.) *História oral: desafios para o século XXI*. Organizado por Marieta de Moraes Ferreira, Tania Maria Fernandes e Verena Alberti. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC - Fundação Getulio Vargas, 2000. p. 123.

conclui que a testemunha acrescenta à narração de sua história de vida, histórias de outras pessoas no sentido de torná-la menos dolorosa para si.

As mudanças na sua interpretação do passado, segundo o autor, constituíram uma forma de a testemunha lidar com um sentimento de culpa. Portanto, o objetivo do historiador não seria encontrar a verdade dos fatos. Em se tratando do trabalho com fontes orais, biografias ou testemunhos, o historiador deve considerar os “trabalhos da memória”. A rememoração dos fatos pode ser acrescida de acontecimentos e histórias que o indivíduo absorveu após o fato vivido. Não que isto represente um problema em relação à fonte, que a torne uma fonte não confiável. Mark Roseman conclui que as alterações na narrativa, as anexações de outras histórias, foram a forma encontrada pela testemunha para manter o trauma sob controle.

Permanece, no entanto, o fato de que "existem" estas interessantes imprecisões em sua memória. Em nenhum momento elas ameaçam frontalmente seu depoimento. Em vez disso, mostram como a memória vagueia em torno de um núcleo incontrolável, tentando manter experiências traumáticas sob alguma espécie de controle.<sup>43</sup>

A autora Beatriz Sarlo também analisa as formas e meios pelos quais a memória se modifica para se manter sob controle em seu livro *Tiempo pasado*. A autora destaca que:

El testimonio puede persistirse la anacronía, ya que se compone con lo que un sujeto se permite o puede recordar, lo que olvida, lo que calla intencionalmente, lo que modifica, lo que inventa, lo que transfiere de un tono o género a otro, lo que sus instrumentos culturales le permiten captar del pasado, lo que sus ideas actuales indican que se debe ser enfatizado en función de una acción política o moral en el presente, lo que utiliza como dispositivo retórico para argumentar, para atacar o defenderse, lo que conoce por experiencia y lo que conoce por los medios, que se confunden, después de un tiempo, con su experiencia, etcétera, etcétera.<sup>44</sup>

Entende-se que o testemunho deve ser compreendido enquanto uma “verdade” para o indivíduo. Cabe ao historiador analisar os fatos e seus significados e, em sua análise, contrapor os testemunhos com outras fontes para tentar compreender os fatos vividos. Entretanto, no caso das representações históricas sobre os fatos ocorridos durante o Holocausto, as fontes documentais são escassas. Os testemunhos são, em

---

<sup>43</sup> idem, p. 131.

<sup>44</sup> SARLO, Beatriz. op.cit. p. 79-80.

muitos aspectos, fundamentais. Seria difícil reconstituir a dimensão da tragédia se não fossem os relatos dos sobreviventes. Os testemunhos constituíram-se em fontes que procuram responder lacunas da história que foram apagadas pelos repressores. Os relatos dos sobreviventes são fontes únicas para se conseguir analisar/compreender a Shoah.

Mas, como afirma Primo Levi, os testemunhos da Shoah também têm limites. Os relatos dos sobreviventes são incompletos já que eles não viveram as experiências do Holocausto até as últimas conseqüências:

Nós, tocados pela sorte, tentamos narrar com maior ou menor sabedoria não só nosso destino, mas também aqueles dos outros, dos que submergiram: mas tem sido um discurso “em nome de terceiros”, a narração das coisas vistas de perto, não experimentadas pessoalmente. A demolição levada a cabo, a obra consumada, ninguém a narrou, assim como ninguém jamais voltou para contar a sua morte. Os que submergiram, ainda que tivessem papel e tinta, não teriam testemunhado, por que sua morte começara antes da morte corporal (...) Falemos nós em lugar deles, por delegação.<sup>45</sup>

Assim como a testemunha, o historiador não reconstrói totalmente o passado. A testemunha, através da recordação, e o historiador, através de seu texto, dão um sentido ao passado a partir do presente. O testemunho é visto como um relato da experiência vivida e, portanto, deve ser compreendido através da subjetividade. Quanto ao trabalho do historiador, ele deve levar em consideração fatos históricos aceitos enquanto tais e que podem ser comprovados através de pesquisa sistemática e consolidada, assim como a historicidade da memória.

É possível contrapor, por exemplo, uma série de testemunhos sobre o mesmo campo de concentração, no sentido de se reconstituir o passado. É claro que as experiências vividas, mesmo que de companheiros próximos no campo, não poderão ser interpretadas ou recordadas com a mesma intensidade e da mesma forma por ambos, pois cada indivíduo é único e interpreta e vive de forma diversa a mesma situação, através de seus conceitos sociais e as diferentes visões de mundo e dos acontecimentos.

Para além da reconstituição de fatos, os relatos de sobreviventes devem ser analisados a partir de reflexões sobre memória. A análise das reconstruções da memória deve e pode ser feita. Porém, ao se trabalhar com memória de períodos traumáticos o historiador deve ter cuidado com as simplificações dos fatos ou com o “excesso de

---

<sup>45</sup> LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes*. Tradução Luiz Sérgio Henriques. – São Paulo: Paz e Terra, 2004. p. 73.

memória”, citado por Paul Ricoeur<sup>46</sup>. O autor destaca que isto pode levar à banalização do Holocausto. As autoras Maria Araújo e Myriam Sepúlveda dos Santos, analisando Ricoeur, afirmam que:

Ele quer dizer com isso que a representação humana desta catástrofe não é capaz de dar a dimensão do evento, mas tem o efeito perverso de tornar banal o que não é. Para ele, como o horror não tem palavras para se descrever, o sentimento do horror não pode ser o ponto de partida para a ação que procura descrever o horror.<sup>47</sup>

O terceiro ponto que gostaria de destacar em relação ao livro de Todorov refere-se ao esquecimento “compulsório”, em razão da culpa que leva às neuroses e ao trauma. A rememoração ou reconstrução do passado através da memória ocorre, como já explanado anteriormente, através de um ato individual (mesmo que estas lembranças surjam dentro de contextos sociais e de grupos). Assim, o ato de recordar/rememorar parte do sujeito. O indivíduo lembra o que mais marcou a sua vida. Os elementos mais significativos são objetos da rememoração. Os mecanismos da memória individual tornam possível o armazenamento de informações, e isto ocorre através de processos que possibilitam encontrar os “fios” que ligam o fato e trazem a possibilidade de sua reconstrução.

Vários autores, entre eles Sigmund Freud<sup>48</sup>, trabalharam a questão do trauma relacionado à memória. Segundo Freud, o esquecimento relaciona-se com uma lembrança recalcada, tanto desencadeada pelo terror vivido, pelo medo constante em perder a vida ou mesmo a desumanização sofrida. É o caso dos que sofreram deliberadamente nos campos de concentração nazista.

Paul Ricoeur destaca que, em relação aos traumas, os historiadores da memória encontram duas dificuldades:

A primeira dificuldade encontrada pelo historiador da memória concerne às situações de recalque e/ou do remoto recalçado. Assim, da escassez de memória sobre um momento sombrio da história nacional (por exemplo, o governo de Vichy durante a ocupação alemã – 1940/1944), passa-se a um excesso de memória.

---

<sup>46</sup> Discussão apresentada no livro RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

<sup>47</sup> Maria Paula Nascimento Araújo – Myriam Sepúlveda dos Santos. *História, memória e esquecimento: implicações políticas*. Revista Crítica de Ciências Sociais, 79, dezembro 2007: 95-111. p. 101.

<sup>48</sup> FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Editora: Imago, 1987.

A segunda dificuldade refere-se, ao contrário, à negação dos momentos mais traumáticos do passado, sintomas de patologias coletivas ou individuais da memória que se traduzem não pelo esquecimento mas pelo silêncio.<sup>49</sup>

Paul Ricoeur demonstra nestes dois pontos as principais dificuldades encontradas pelo historiador da memória. Depois do período em que memórias da Shoah foram silenciadas, aproximadamente 40 anos, foi produzido maior número de obras e análises sobre os fatos, o que pode, segundo Ricoeur, transformar o horror relacionado à história do Holocausto em “algo” representável/compreensível. Entretanto, ele adverte para o “excesso de memória” não só causado pelas obras escritas, mas também pelos filmes, documentários e pela criação/fundação de “lugares de memória”, como museus e arquivos. O segundo ponto que o autor destaca é o recalque/esquecimento de fatos traumáticos, a dificuldade de expressar o fato vivido durante períodos muito traumatizantes e que está presente no testemunho de diferentes sobreviventes.

O historiador Friedhelm Böll<sup>50</sup>, por exemplo, descreve a dificuldade que teve em trabalhar com as memórias de um sobrevivente dos campos de concentração nazista e que sofria as neuroses e os traumas vividos no passado. A dificuldade em representar o trauma vivido faz parte da vida fora e após o período de confinamento. Muitos são os sobreviventes que preferem silenciar os fatos vividos para não recordar períodos de extrema barbaridade. Muitos testemunhos ficam restritos ao coletivo das famílias ou até mesmo apenas entre os sobreviventes do mesmo campo de concentração. Alguns sobreviventes não só da Shoah, mas de outros eventos traumáticos, como, por exemplo, as vítimas das ditaduras sul-americanas, silenciam os acontecimentos ou, ao narrá-los, não “encontram palavras” ou meios de representar o trauma de períodos em que estiveram envolvidos nestas situações.

Algumas vítimas não conseguem relatar o período concentracional. No caso explanado pelo autor, a frase que o entrevistado mais repete durante as entrevistas e que traduz o sentimento em relação ao Holocausto é: "Não considero muito importante falar com as pessoas sobre isso. Elas não podem entender. Não conseguem".

As torturas, as humilhações e a desumanização sofridas fizeram com que muitas das vítimas silenciassem os fatos vividos no período, com o intuito de não

---

<sup>49</sup> Ricoeur citado em SILVA, Helenice Rodrigues. op. cit. p. 430.

<sup>50</sup> BÖLL, Friedhelm. *O fardo de falar sobre a perseguição nazista na Alemanha*. In: Ferreira, Marieta de Moraes (org.) *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC - Fundação Getúlio Vargas, 2000.

recordar/rememorar seus traumas. Porém, alguns sobreviventes como, por exemplo, Primo Levi, encontraram no relato uma forma de trabalhar esse passado e de repassar sua experiência adiante. Já no prefácio de seu primeiro livro “É isto um homem?”, deixa claras suas intenções:

A necessidade de contar “aos outros”, de tornar “os outros” participantes, alcançou entre nós, antes e depois da libertação, caráter de impulso imediato e violento, até o ponto de competir com outras necessidades elementares. O livro foi escrito para satisfazer essa necessidade em primeiro lugar, portanto, com a finalidade de libertação interior. Daí, seu caráter fragmentário: seus capítulos foram escritos não em sucessão lógica, mas por ordem de urgência. O trabalho de ligação e fusão foi planejado posteriormente. Acho desnecessário acrescentar que nenhum dos episódios foi fruto de imaginação.<sup>51</sup>

O quarto ponto relevante de análise do trecho de Todorov é em relação à “imagem do sobrevivente”, imagem esta construída por ele próprio ou pela sociedade. Os sobreviventes trazem consigo culpas, sofrimentos e ressentimentos por conta da falta de compreensão do outro, o que leva a muitos silenciamentos, pelo medo do sobrevivente ser mal interpretado. Muito se discute sobre a questão da subjetividade em relação à “verdade” nos testemunhos. Porém, como afirma Todorov, a testemunha é única. Suas lembranças, acrescidas ou não de alterações, silenciamentos ou até mesmo anexações de outras memórias, são únicas e, portanto, “irrefutáveis”. Devem, entretanto, ser consideradas enquanto fontes testemunhais passíveis de análise e não como a verdade do passado. Neste sentido, não se deve prescindir do trabalho de análise do historiador.

## CAPITULO II

### O TESTEMUNHO DE CHIL RAJCHMAN

Vocês que vivem seguros  
Em suas cálidas casas,  
Vocês que, voltando a noite,  
Encontram comida quente e rostos amigos,  
Pensem bem se é isto um homen  
Que trabalha no meio do barro,  
Que não conhece paz,  
Que luta por um pedaço de pão,

---

<sup>51</sup> LEVI, Primo. *É isto um homem?* Tradução de Luigi DelRe. Rio de Janeiro: Rocco, 1988. p. 08.

Que morre por um sim ou por um não.  
Pense bem se isto é uma mulher,  
Sem cabelos e sem nome,  
Sem mais forças para lembrar,  
Vazios os olhos, frio o ventre,  
Como um sapo no inverno.  
Pense que isto aconteceu:  
Eu lhes mando estas palavras.  
Gravem-na em seus corações,  
Estando em casa, andando na rua,  
Ao deitar, ao levantar;  
Repitam-nas a seus filhos.  
Ou, senão, desmorone-se a sua casa,  
A doença os torne inválidos,  
Ou seu filhos virem o rosto para não vê-los.  
Primo Levi<sup>52</sup>

Os traumas, recalques e silenciamentos devem ser considerados ao se procurar analisar memórias do período em que o nacional-socialismo esteve no poder. Deve-se compreender os relatos orais, biografias, testemunhos enquanto “narrativas do eu”, expressões da memória individual que dialoga com o social. No caso dos relatos de sobreviventes do Holocausto, são mais do que isso. São geralmente resultado de um trabalho político no sentido de se manter viva a recordação do período em que os judeus e outros sujeitos foram perseguidos e, assim, se enfrentar afirmações negacionistas.

Os livros de memória, ou seja, as autobiografias utilizadas no presente trabalho foram escritas por três autores distintos. Cada qual sofreu e viveu o nacional-socialismo de forma diferente. Assim, é importante contextualizar cada autor e suas obras.

As obras abordadas na pesquisa diferem não somente porque os autores estiveram em diferentes campos de concentração, mas também pelas diferenças da narrativa, pelas suas trajetórias e lugares sociais, pela visão de mundo, pelos interesses e pelas condições em que as obras foram escritas.

Apesar de apresentarmos obras de três autores, o foco da análise neste capítulo será livro recentemente publicado no Brasil, em abril de 2010, de autoria de Chil Rajchman, “Eu sou o último judeu de Treblinka”. A partir desta obra serão feitas reflexões e comparações com os demais autores.

A primeira obra a ser analisada é a de Primo Levi, nascido em Turim, na Itália, em 1919, numa família de judeus assimilados. Formou-se químico mesmo após as leis

---

<sup>52</sup> LEVI, Primo. op. cit. p. 09.

contra os judeus em 1941, fato que por si só mostra as diferenças conjunturais em que viveram os judeus na Europa antes e durante a guerra. Em 1943, Levi se juntou ao grupo da Resistência contra o nacional-socialismo na Itália invadida pelas tropas nazistas. Sem uma organização razoável, poucos recursos e nenhum preparo, o grupo de Levi é capturado. Ele se declara cidadão italiano e judeu, é deportado a um campo próximo a Fossoli, em 1943, onde encontravam-se judeus de várias localidades, sozinhos como Levi ou com famílias inteiras. Ali também haviam prisioneiros políticos, iugoslavos e outros estrangeiros considerados suspeitos. Levi, além de judeu, era comunista e membro da Resistência, o que perante a ideologia nazista representava mais um perigo. Sem saber realmente como se posicionar no momento de sua prisão, declarou-se italiano e judeu:

Nos interrogatórios que se seguiram, preferi declarar minha condição de “cidadão italiano e de raça judia”, imaginando que, de outro modo, eu não poderia justificar minha presença naquele fim de mundo, retirado demais para quem quisesse simplesmente evitar os bombardeios das grandes cidades. Eu acreditava (e estava muito enganado, como aprendi mais tarde) que, se admitisse minha atividade política, não escaparia da tortura e da morte.<sup>53</sup>

Levi foi levado ao campo de Auschwitz ainda em 1943, assim como todos os outros “ocupantes” do gueto. O período concentracional de Levi ocorreu de 1943 a 1945. Durante este período em que ficou confinado, trabalhou em diversos setores e manteve-se vivo devido a sua formação de químico e por ter, por conta disso, sido utilizado no campo para trabalhar em uma fábrica de borracha sintética na seção Monowitz. Mas como afirma em seu relato, sua sobrevivência no campo ocorreu devido a uma série de acontecimentos imprevistos:

Repito, não somos nós, os sobreviventes, as autênticas testemunhas. Está é uma noção incômoda, da qual tomei consciência pouco a pouco, lendo as memórias dos outros e relendo as minhas muitos anos depois. Nós, sobreviventes, somos uma minoria anômala, além de exígua: somos aqueles que, por prevaricação, habilidade ou sorte, não tocamos o fundo. Quem o fez, que fitou a górgona, não voltou para contar, ou voltou mudo; mas são eles, os “muçulmanos”, os que submergiram – são eles as testemunhas integrais, cujo depoimento teria significado geral. Eles são a regra, nós, a exceção.<sup>54</sup>

---

<sup>53</sup> *Ibidem*, op. cit. p.12.

<sup>54</sup> LEVI, Primo. op. cit. p. 72

Após a libertação do campo, tornou-se um renomado escritor. Entre os livros que obtiveram maior repercussão estão “È isto um homem”, escrito já em 1947. O livro, rejeitado na época pela editora Einaudi, foi publicado em outubro de 1947 por uma pequena editora, De Silva, com tiragem de 2500 exemplares, dos quais foram vendidos 1500. O livro obteve repercussão apenas a partir da década de 50, quando, em 1958, a editora Einaudi publicou uma versão revisada do livro que foi traduzido em mais de 8 línguas incluindo alemão, inglês, português e espanhol. O autor encerra sua trajetória como escritor com o livro “Os afogados e os sobreviventes”, publicado em 1986, pouco antes de sua morte.

O próximo autor analisado é Elie Wiesel, que nasceu na província da Transilvânia, na Romênia, a 30 de setembro de 1928. Sua infância foi marcada pelos estudos judaicos, sendo que sua família era de judeus hassídicos, muito crentes. Elie Wiesel estudava já aos 12 anos profundamente a Cabala e o Talmude. A trajetória de vida de Wiesel e da maioria da comunidade judaica da Romênia começa a mudar após a decisão nazista de dar aos judeus das nações do Eixo da Europa Oriental (Romênia, Hungria e Bulgária) o mesmo destino dos judeus europeus, sendo transportados para os campos de extermínio da Polônia.

Os judeus pertencentes à comunidade de Wiesel começaram a ser deportados no final do ano de 1942. O primeiro deslocamento de judeus da comunidade foi destinado aos judeus estrangeiros. No relato de Elie Wiesel, encontra-se a figura de Mochê Bedel, um dos primeiros a serem deportados. Wiesel relata que a comunidade judaica reservou a este deportado, depois de ter conseguido retornar à comunidade, pouca importância por não acreditar que seus testemunhos pudessem ser reais. Quando Bedel retorna, poucos são os que dão importância a seu testemunho e afirmam ter ficado louco:

Contou sua história e a de seus companheiros. O trem dos deportados passara a fronteira húngara e, em território polonês, fora apreendido pela Gestapo. Lá, tinha parado. Os judeus tiveram de descer e subir em caminhões. Os caminhões foram até um a floresta. Fizeram nos descer. Fizeram-nos cavar grandes valas. Assim que terminaram seu trabalho, os homens da Gestapo começaram o deles. Sem paixão, sem pressa, abateram seus prisioneiros.

(...)

Dias e noites a fio, ele ia de casa judia em casa judia e contava a história de Malka, a moça que agonizou durante três dias, e a de Tobie, o alfaiate, que implorava que o matassem antes de seus filhos... Mochê mudara muito. Seus olhos não refletiam mais alegria. Não cantarolava mais. Não me falava mais de Deus ou da Cabala, só do

que tinha visto. As pessoas se recusavam não apenas a acreditar em suas histórias, mas também a ouvi-las.<sup>55</sup>

Não só perante os judeus e suas comunidades, mas também na opinião pública em geral os primeiros testemunhos sobre a Shoah não tiveram credibilidade. Não se acreditava nas atrocidades cometidas pelo governo de Hitler. Sobre este posicionamento, no prefácio do livro "Os afogados e os sobreviventes", relata Levi:

As primeiras notícias sobre os campos de extermínio nazista começam a difundir-se no ano crucial de 1942. Eram notícias vagas, mas convergentes entre si: delineavam um massacre de proporções tão amplas, de uma crueldade tão extrema, de motivações tão intrincadas que o público tendia a rejeitá-las em razão de seu próprio absurdo. É significativo como essa rejeição tenha sido prevista com muita antecipação pelos próprios culpados; muitos sobreviventes (entre outros, Simon Wiesenthal, nas últimas páginas de *Gli assassini sono fra noi*, Milão, Garzanti, 1970) recordam que os SS se divertiam avisando cinicamente os prisioneiros: Seja qual for o fim desta guerra, a guerra contra vocês nós ganhamos; ninguém restara para dar testemunho, mas, mesmo que alguém escape, o mundo não lhe dará crédito. Talvez haja suspeitas, discussões, investigações de historiadores, mas não haverá certezas, porque destruiremos as provas junto com vocês. E ainda que fiquem algumas provas e sobreviva alguém, as pessoas dirão que os fatos narrados são tão monstruosos que não merecem confiança: dirão que são exageros da propaganda aliada e acreditarão em nós, que negaremos tudo, e não em vocês.<sup>56</sup>

Durante o ano de 1943, mesmo com os testemunhos, os judeus não acreditaram nos relatos dos massacres. A vitória dos russos contra a Alemanha nazista, em 1944, segundo o autor Elie Wiesel, era uma questão de tempo. Porém, os alemães invadiram a cidade da Transilvânia e confinaram os judeus em dois guetos. Wiesel foi deportado para o gueto de Sighet junto com sua família.

No ano de 1944, com apenas 15 anos de idade, Wiesel foi deportado para Auschwitz - Birkenau, onde passou um ano confinado junto com seu pai, já que suas irmãs e mãe foram mortas na câmara de gás logo após a chegada no campo. Assim relata a chegada:

- Homens à esquerda! Mulheres à direita!  
Quatro palavras ditas tranquilamente, indiferentes, sem emoção.  
Quatro palavras simples, breves, e, no entanto, foi o momento em que deixei minha mãe. Mal tivera tempo de pensar e já se sentia a pressão

---

<sup>55</sup> WIESEL, Elie. *A noite*; Tradução Irene Ernest Dias. 3 ed. – Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

<sup>56</sup> LEVI, Primo. op.cit. p. 09.

da mão de meu pai: tínhamos ficado só nós dois. Em uma fração de segundo, pude ver minha mãe, minhas irmãs partirem para a direita.<sup>57</sup>

Após a descoberta do campo pelas tropas russas em 1945, Wiesel torna-se uma “testemunha exemplar” dos campos de extermínio na literatura norte americana. O autor escreve diversos livros, no total 40 obras sobre a catástrofe vivida, englobando relatos, crônicas e romances. O que mais se destaca como relato dos campos de extermínio é “A Noite”, publicado em 1958 na França e depois traduzido para diversas línguas, incluindo inglês, espanhol, português e alemão. Em 1986 ganha o prêmio Nobel da Paz pela sua dedicação humanitária junto a vítimas de “catástrofes sociais” e luta em favor dos Direitos Humanos.

O terceiro autor, Chil Rajchman, tem um único livro de memórias, publicado recentemente. Intitula-se “Eu sou o último judeu de Treblinka”. Pelo fato da publicação ser recente e do autor não ser escritor, há poucas informações biográficas disponíveis. Sua obra foi publicada apenas em 2009 na França e, no Brasil, em abril de 2010. Chil Rajchman nasceu em 1914 em Lodz<sup>58</sup> na Polônia, numa família de judeus.

Era o mais velho de cinco irmãos, sendo que a partir de 1939 e da acentuação das perseguições nazistas, foge de Lodz. Com sua irmã mais nova Rivke, muda-se para Pruszkow a 20 km de Varsóvia, tentando livrar-se das intensas perseguições, porém Rajchman é solicitado a prestar trabalhos forçados, enquanto sua irmã é confinada no gueto de Varsóvia, onde Rajchman a reencontra logo depois da dissolução da brigada de trabalho. O autor não possui um relato linear, como os dois autores citados anteriormente. Rajchman não segue uma linha cronológica de fatos nem tão pouco deixa transparecer no relato/biografia sua vida antes ou depois do confinamento no campo de concentração, o que se encontra em maior destaque não só no livro, mas também em um depoimento colhido em 1988<sup>59</sup>. No prefácio do livro, a pesquisadora Annette Wieviorka esclarece:

Por caminhos sobre os quais ele não dá nenhuma explicação, numa data que ignoramos, consegue arranjar documentos e, sempre com a

---

<sup>57</sup> WIESEL, Elie. Op. cit. p. 37.

<sup>58</sup> Lodz é uma cidade polonesa perto da fronteira com a Alemanha, ficou marcada durante a segunda guerra a partir da invasão alemã em 1939, a partir deste momento instaurou-se na cidade o gueto de lodz onde foram confinados aproximadamente, 150.000 pessoas que viviam em condições desumanas, exercendo trabalho forçado. WIESEL, Elie. Op. Cit.

<sup>59</sup> A autora Annette Wieviorka destaca que o depoimento colhido pelo Holocaust Memorial Museum de Washington em 07 de dezembro de 1988. Fonte prefácio do livro: RAJCHMAN, Chil. Eu sou o último judeu: Treblinka (1942 – 1943). Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010. p. 16-17.

irmã, alcança a cidade de Ostrow Lubleski, cerca de 30 km a nordeste de Lublin. Do tempo que lá passou com a irmã, guarda a lembrança de uma vida sem sofrimento e sem fome. Até o momento em que os alemães decidem que a região deve ser *judenfrei*, expurgada dos judeus. Com a irmã e todos os judeus dos lugarejos circundantes, é conduzido a Lubartow.

É quando começa o relato: “Os vagões tristes me carregam para lá.” Lá: Treblinka, lugar sobre o qual ele não sabe nada.<sup>60</sup>

A autora do prefácio do livro “eu sou o último judeu de Treblinka” é Annette Wieviorka, é historiadora especialista sobre a história da Shoah e a história dos judeus no século XX e membro da missão de estudos sobre a espoliação dos judeus da França. É autora de diversos livros, entre eles um livro importante sobre a deportação e o genocídio de judeus franceses, a partir da problemática da memória e do esquecimento.<sup>61</sup> O livro de Rajchman, portanto, é legitimado por esta reconhecida pesquisadora francesa.

O relato de Rajchman inicia-se com cena dentro dos vagões da deportação para o campo. Ele não escreve sobre sua vida anterior. As informações que se tem são encontradas apenas no prefácio e em poucas reportagens de jornais, que se reservam a comentar o livro em si e sobre seu conteúdo. Não há no transcorrer do testemunho autobiográfico uma especificação de datas. Ao contrário dos testemunhos de outros dois autores, que escreveram imediatamente ou logo após o fim da guerra, este relato foi escrito logo que Rajchman fugiu do campo de extermínio, em 1943. Portanto, o autor não estava ainda em segurança e livre de ser capturado outra vez. O autor escreve ainda quando estava escondido dos nazistas, após a destruição do campo de extermínio de Treblinka e com a guerra ainda em curso. Na ânsia de testemunhar os fatos vividos, o autor não escreveu um relato linear. A construção do relato é marcada pela descrição dos fatos mais marcantes e “urgentes”. São acentuados os períodos mais traumáticos e desumanos.

Outro ponto relevante no relato está relacionado ao tempo de que o autor se silenciou sobre este testemunho. O autor escreveu o livro na forma de um caderno de memórias, durante o período em que esteve no bunker<sup>62</sup> e guardou-o consigo, mostrando-o apenas para os melhores amigos e parentes mais próximos. A publicação

---

<sup>60</sup> RAJCHMAN, Chil. *Eu sou o último judeu: Treblinka (1942 – 1943)*. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010. Pág. 17

<sup>61</sup> *Déportation et génocide. Entre la mémoire et l'oubli*, Hachette, « Pluriel », Paris, 2003.

<sup>62</sup> Significado de bunker: abrigo subterrâneo, blindado ou fortificado, muito utilizado durante a Segunda Guerra Mundial. Fonte: Rajchman op.cit.

só foi permitida após a sua morte, devido a um pedido do próprio autor em uma carta testamento.

Este período de silenciamento das testemunhas teria ocorrido, segundo Dominick La Capra<sup>63</sup>, devido aos traumas vividos, além do sentimento de culpa presente em quase todos os testemunhos. Esta constatação de que o silenciamento pode ser atribuído a uma “memória vergonha” ou a uma “culpa” é também interpretada por Michael Pollak como sendo uma memória “indizível”:

Em face dessa lembrança traumatizante, o silêncio parece se impor a todos aqueles que querem evitar culpar as vítimas. E algumas vítimas, que compartilham essa mesma lembrança "comprometedora", preferem, elas também, guardar silêncio. Em lugar de se arriscar a um mal-entendido sobre uma questão tão grave, ou até mesmo de reforçar a consciência tranqüila e a propensão ao esquecimento dos antigos carrascos, não seria melhor se abster de falar?<sup>64</sup>

A deportação do autor para o campo de extermínio de Treblinka ocorreu em 1942. É a partir da deportação que se inicia o relato de Chil Rajchman. Logo no primeiro parágrafo do livro, o autor ressalta a situação enfrentada pelos deportados judeus. O relato inicia-se com a incerteza do destino que os espera:

Assim como todos nós, não sei para onde nos levam, nem por quê. Tentamos saber mais sobre isso durante o trajeto. Os guardas ucranianos que nos vigiam não dão mostras de nenhuma benevolência e se recusam a nos responder. A única coisa que ouvimos deles é: “Ouro, prata, objetos de valor!” os assassinos não nos deixam em paz. Não se passa um instante sem que um deles nos aterrorize. Agridem-nos com coronhadas, e todos tentam molhar a mão desses criminosos a fim de evitar golpes.<sup>65</sup>

As incertezas dos judeus em relação ao destino das deportações estão presentes na maioria dos relatos. Chil Rajchman tinha consciência da perseguição nazista, mas mesmo havendo esta certeza, o sofrimento que os esperava nos campos era absolutamente maior do que se acreditava. A deportação e o destino incerto eram mais uma forma de desumanização, objetivo utilizado pelo regime nacional-socialista para torná-los “menos humanos” ou “não dignos” de viver.

---

<sup>63</sup> LACAPRA, Dominick. *Representar el Holocausto: historia, teoría y trauma*, - la ed. – Buenos Aires, Prometeu Libros, 2008.

<sup>64</sup> Pollak, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. p. 06.

<sup>65</sup> RAJCHMAN, Chil. Op. cit. p. 27-28.

A violência empregada desde a subida ao poder e a instituição do terceiro Reich, acentuou-se com a implantação dos campos de concentração e de trabalhos forçados e que se acentuou com a chamada “solução final”. O objetivo era manter em segredo pelo maior tempo possível as atrocidades cometidas.

O período de confinamento nos guetos até a chegada nos campos de concentração é um período relatado com extrema frequência pelos sobreviventes. No campo, segundo Levi, ocorre o início da “violência inútil” ou desumana:

Quase sempre, no início da seqüência da recordação, está o trem que assinala a partida para o desconhecido: não só por razões cronológicas, mas também pela crueldade gratuita com que eram empregadas para um objetivo incomum aquelas (normalmente inócuas) composições de vagões de carga.

Não há diário ou narrativa, entre os muitos nossos, em que não surja o trem, o vagão blindado, transformado de veículo comercial em prisão ambulante ou mesmo em instrumento de morte.<sup>66</sup>

O relato de Rajchman não é diferente. O trajeto até o campo de concentração de Treblinka constitui uma das cenas marcadas pelo trauma. Há um outro agravante em seu caso. Ele não está sozinho. Junto dele estão os seus amigos e a irmã. O destino é incerto. No vagão há 140 pessoas vivendo o mesmo infortúnio. No momento da rememoração, torna-se claro ao leitor que ele é o único sobrevivente das 140 pessoas que “viajavam” no trem para Treblinka e no relato aparece a culpa de estar vivo no “lugar de outros”.

A desumanização vivida dentro dos vagões de carga é relatada como um fato que deteriora o indivíduo. Não há alimentos, água, condições de higiene. A degradação das condições é narrada pelos sobreviventes com o mesmo horror. Mesmo em caminhos diversos, o “tratamento” para os deportados era o mesmo: a violência e a desumanização em todo o trajeto/período. Elie Wiesel destaca as condições enfrentadas durante o trajeto, com o seguinte relato.

Impossível esticar o corpo, e também não havia como todos se sentarem. Decidimos nos sentar por turnos. O ar estava rarefeito. Felizes os que estavam perto de uma janela – podiam ver a paisagem florida.<sup>67</sup>

Sob as mesmas condições Primo Levi relata:

---

<sup>66</sup> LEVI, Primo. Op. cit. p. 93.

<sup>67</sup> WIESEL, Elie. Op. cit. p. 31.

Sofríamos com a sede e o frio; cada parada, gritávamos pedindo água, ou ao menos um punhado de neve, mas raramente fomos ouvidos; os soldados da escolta afastam quem tenta aproximar-se do comboio. Duas jovens mães, com crianças pequenas de peito, queixavam-se dia e noite implorando por água. Havia também a fome, a fadiga, a falta de sono, mas a mesma tensão nervosa a mitigava. As noites porém, eram pesadelos sem fim.<sup>68</sup>

A chegada no campo é o momento da despedida do mundo em que se encontravam antes da prisão. Despedida da família, das certezas e conseqüentemente de todas as condutas morais existentes no “mundo civilizado”. O autor não deixa claro quanto tempo durou a viagem, nem quantos dos indivíduos dentro do vagão chegaram vivos ao destino. Rajchman ressalta e retoma três vezes durante a narração o sentimento de culpa por ter negado à irmã a “última refeição” quando ainda estavam no vagão, por achar que precisavam racionar o pouco alimento que ainda tinham. A culpa que o acompanha durante toda a vida talvez seja um dos tantos motivos de seu silenciamento.

São 4h da manhã; nos aproximamos da estação de Treblinka, a 7km de Malkinia. O trem para. Os vagões permanecem fechados e ignoramos o que acontece. Aguardamos uma nova partida. Minha irmã me diz que sente fome. Mas não temos praticamente nada para comer. Como partimos precipitadamente do nosso shtetl, não conseguimos comprar nada. Explico à minha irmã que o caminho será longo e que devemos racionar tudo, com medo que nossas provisões não sejam suficientes para toda a viagem. Ela compreende e resigna-se a não comer. Diz que não está com tanta fome assim...<sup>69</sup>

As primeiras impressões do campo são aterradoras. Não existe um tempo para pensar nem tampouco de analisar a situação. Assim como para Elie Wiesel, o desembarque é o momento da despedida. No caso de Rajchman, da irmã.

Por ironia, as palavras que separam as duas famílias e conseqüentemente as histórias são as mesmas: “Homens à esquerda! Mulheres à direita!” O destino de ambas as famílias também são as mesmas: a morte. O campo de Treblinka é um campo exclusivamente destinado ao extermínio. Os judeus que lá chegavam eram gaseificados imediatamente ou pouco tempo depois. A irmã de Rajchman é destinada imediatamente às câmaras de gás. A sobrevivência do autor só ocorre devido a uma série de fatores extraordinários...

---

<sup>68</sup> LEVI, Primo. É isto um homem?/ Primo Levi: tradução de Luigi Del Re. – Rio de Janeiro: Rocco, 1988. Pág. 16

<sup>69</sup> RAJCHMAN, Chil. Op. cit. p. 30.

As atitudes dos nazistas frente aos prisioneiros judeus são analisadas por Primo Levi<sup>70</sup>, após alguns anos de sua experiência. Para ele, os objetivos e as atitudes tomadas contra as populações discriminadas ou pertenciam a um plano desumano (o que constata a partir da análise dos objetivos de tornar a Alemanha uma “grande nação”) ou estavam envoltos em uma loucura coletiva, desencadeada pelos ideais de uma raça superior.

Rajchman descreve com precisão o campo de Treblinka, a plataforma do trem, bem como as instalações, mas dá mais ênfase em seu relato à descrição do caminho para as câmaras de gás.

O acesso às câmaras de gás começa em frente à plataforma onde estão os dormitórios. É conhecido como Schlauch\*. Plantado com arbustos, lembra uma aléia de um parque público. As pessoas que percorrem são obrigadas a correr, nuas. Ninguém retorna. São violentamente espancadas e espetadas a golpes de cassetete e baioneta, de modo que, depois que passam, esse corredor de areia branca cobre-se de sangue.

<sup>71</sup>

A violência a que eram submetidos os judeus, segundo o autor, ocorre até mesmo no caminho do extermínio. A nudez e a crueldade dos assassinos, como se refere aos SS, se revela através da ironia do “alemão” que aponta a entrada das câmaras de gás marcado com a estrela de Davi. Segundo o autor, o soldado o faz sorrindo e dizendo aos condenados: - Faça a gentileza.

No momento posterior a sua chegada, Chil é obrigado a desempenhar o trabalho de triagem das roupas. Não há como saber por quanto tempo ele desempenha esta tarefa, já que não é um relato marcado por uma ordem cronológica.

Ficamos ali por alguns minutos, até que todos os demais sejam levados. Em seguida somos reconduzidos até as bagagens. Cada um de nós é obrigado a carregar um fardo maior que o nosso tamanho. Quem escolher uma mala pequena é chicoteado. Empurram-nos para uma esplanada. No caminho há guardas dispostos um ao lado do outro como as argolas de uma corrente viva, a fim de que nenhum de nós possa escapar ao chicote.<sup>72</sup>

O trabalho era feito perante os SS que desferiam sobre os judeus violência constante. Os momentos seguintes em que o relato se acentua é a descrição da noite no

---

<sup>70</sup> LEVI, Primo. Op.cit. p. 92.

\* o autor descreve como a passarela, ou caminho ao céu como denominada pelos nazistas.

<sup>71</sup> RAJCHMAN, Chil. Op.cit. p. 36.

<sup>72</sup> Idem, p.32.

campo. Como em outros relatos, a noite é o período mais difícil de ser encarado. É a partir deste momento em que o tempo torna-se o carrasco, o desespero, a realidade, o choro e o resto de humanidade encontra-se junto aos “sobreviventes do dia”.

Primo Levi, ao analisar os seus primeiros momentos no campo de concentração, constata que os judeus que restam estão desprovidos de toda a humanidade existente. Assim destaca nas páginas iniciais de seu livro:

Bem sei que, contando isso, dificilmente seremos compreendidos, e talvez seja bom assim. Mas que cada um reflita sobre o significado que se encerra mesmo em nossos pequenos hábitos de todos os dias, em todos os objetos nossos, que até o mendigo mais humilde possui: um lenço, uma velha carta, a fotografia de um ser amado.

(...)

Imagine-se agora, um homem privado não apenas dos seres queridos, mas de sua casa, seus hábitos, sua roupa, tudo, enfim, rigorosamente tudo que possuía; ele será um ser vazio, reduzido ao puro sofrimento e a carência, esquecido de dignidade e de discernimento – pois quem perde tudo, muitas vezes perde também a si mesmo; transformado em algo tão miserável, que facilmente se decidira sobre sua vida e sua morte, sem qualquer sentimento de afinidade humana, na melhor das hipóteses considerando puros critérios de conveniência. Ficara claro, então, o duplo significado da expressão “Campo de extermínio”, bem como o que desejo expressar quando digo: chegar ao fundo.<sup>73</sup>

Durante a noite, além de se constatar que se chegou ao “fim”, ao “fundo”, como afirma Levi, também é o momento da revolta em relação à situação. Entre os autores, o único a não manifestar revolta contra a religião foi Primo Levi. Talvez por sua formação e seu posicionamento político ou mesmo por ter antes da deportação consciência do que “o esperava” enquanto prisioneiro. Fora Levi, os outros dois autores revoltam-se contra a religião, contra as crenças judaicas e em Deus. No trecho da primeira noite, as narrativas de Wiesel às de Rajchman se assemelham. Ambos se sentem tão abalados que afirmam não mais crer na fé judaica.

Elie Wiesel posiciona-se frente à revolta dos primeiros momentos no campo;

A nossa volta, todo mundo chorava. Alguém começou a entoar o Kadish, a oração dos mortos. Não sei se já aconteceu antes, na longa história do povo judeu, que os homens tenham recitado a oração dos mortos para si mesmos.

---

<sup>73</sup> LEVI, Primo. Op.cit. p. 24.

- Yitgadal veyitkadach chemé raba... Que seu nome seja engrandecido e santificado... - murmurava meu pai.

Pela primeira vez, senti a revolta crescer em mim. Por que eu deveria santificar o Seu Nome? O Eterno, Senhor do Universo, O Eterno, Todo-Poderoso e Terrível se calava, o que eu Lhe agradeceria<sup>74</sup>?

Sobre a mesma revolta, Rajchman também descreve sua falta de fé;

Somos todos fulminados por esta idéia: ontem os nossos viviam, hoje estão todos mortos.

Ficamos ali, petrificados. Choro pelo que me acabara de acontecer, pelo que vivi.

É então que, do fundo do galpão, ergue-se um murmúrio: os infelizes sobreviventes desse primeiro dia reuniram-se para a prece do fim do dia. No fim do ofício, recitam, em lágrimas, o kaddish, a oração dos mortos. Ele me desperta. Abro os olhos: sim, todos os que estão ali são órfãos, criaturas malditas. Perco o controle e grito:

A quem se dirige sua prece? Ainda crêem? Em que? A que agradecem por isso? Vocês louvam o Senhor por Sua clemência, vocês O louvam por lhes terem tomado irmãos e irmãs, pais e mães. É por isso que Lhe agradecem? Não! Isso não é verdade! Deus não existe. Se existisse, veria vossa angustia, seria testemunha dessa temível injustiça, o assassinato de inocentes, de bebês recém-saídos do ventre das mães, de pessoas que queriam apenas trabalhar honestamente e serem úteis. E vocês, testemunhas vivas desse horror, vocês rendem graças, mas a quem?<sup>75</sup>

Os fatos ocorridos durante o Holocausto são interpretados de diferentes formas. Judeus de diferentes crenças interpretam de formas distintas a desventura vivida durante o período nazista. Segundo Baer,<sup>76</sup> os judeus sionistas interpretam o Holocausto como a confirmação da necessidade de encontrar um lugar, uma terra para os judeus, para a instauração de uma nação judaica. Os Ortodoxos afirmam que os acontecimentos vividos foram causados por um castigo, pelos pecados do povo de Israel e pelo abandono às lições da Tora. Seja qual forem as interpretações, cabe ressaltar que no campo de extermínio muitas condutas morais foram abandonadas, em função de um único objetivo, o de sobreviver.

Fatores diversos mantiveram Rajchman vivo. O seu principal objetivo era manter-se vivo. Todos os que chegavam a Treblinka eram assassinados imediatamente, a não ser um contingente de indivíduos, denominados pela literatura como “Sonderkommando”<sup>77</sup>. Ou seja, os indivíduos responsáveis para auxiliar a “máquina da morte”. Inicialmente, Rajchman foi designado ao trabalho de tonsurador, ou seja, era

<sup>74</sup> WIESEL, Elie. Op. cit. p. 41.

<sup>75</sup> RAJCHMAN, Chil. op. cit., p. 47

<sup>76</sup> BAER, Alejandro. Holocausto. Op.cit.

responsável em cortar o cabelo das mulheres antes da entrada nas câmaras de gás. Ele assim pôde presenciar, segundo ele, os últimos resquícios de humanidade destas mulheres. Durante o trabalho, vive um dos momentos difíceis do relato, a certeza da morte da irmã, quando entre as roupas encontra o vestido que ela usava. O primeiro dia como tonsurador ressalta a crueldade dos carrascos. Entre gritos, choro e desespero e a culpa devido a passividade perante as mulheres que tem de ver entrar nas câmaras.

Uma depois a outra, as vítimas sentam-se e as tesouras cortam, cortam, sem descanso. Uma chora, outra grita. Essas mulheres estão, em sua maioria, totalmente desamparadas. Somos espectadores de tudo isso, não podemos falar nada.<sup>78</sup>

Em outro trecho significativo, o autor relata os momentos seguintes ao trabalho como tonsurador e a conscientização de ter se tornado um instrumento de auxílio para a “máquina da morte” dos nazistas:

De repente, o caudal de vítimas se interrompe: as câmaras de gás estão cheias. O assassino que fica à porta delas anuncia uma pausa de meia hora e sai. Ucrânianos e alguns SS ficam conosco. Aproveito o tempo para refletir e constato o horror, o inferno. Os assassinos nos obrigam a tonsurar nossas irmãs alguns minutos antes de despachá-las para a morte, e nós, mortos em condicional, obedecemos sob a autoridade do chicote. Confiscaram-nos o entendimento, para esses assassinos não passamos de ferramentas.<sup>79</sup>

Durante o período em que trabalhou no campo 1 de Treblinka, Rajchman relata fatos esporádicos. Não há como cronometrar os períodos, nem tampouco como localizar as seqüências dos fatos narrados pelo autor. Narra e destaca aspectos e fatos que mais marcaram sua trajetória. Há durante as narrações um ponto que se repete, os pedidos de “vingança” das vítimas. Segundo o autor, é recorrente o pedido para que eles não esqueçam, para que narrem e testemunhem. Como se isso fosse uma espécie de missão, o autor relata:

Uma jovem mulher está sentada à minha frente. Corto seus cabelos, ela pega minha mão e me pede para lembrar que também sou judeu. Sabe que está perdida, mas “lembre-se”, disse ela, “você vê o que

---

<sup>77</sup> *Sonderkommando*: era como se chamava o grupo de judeus selecionados à força pelos SS para desempenhar funções que ajudassem no preparo do assassinato dos deportados, destituí-los de seus pertences, transportar e queimar seus cadáveres. LEVI, Primo. op.cit.

<sup>78</sup> RAJCHMAN, Chil. Op.cit. p. 52.

<sup>79</sup> Idem. p. 54.

fizeram de nós. Desejo que você sobreviva para poder vingar o nosso sangue inocente, que não conhecerá repouso...”.

Respondo-lhe em voz baixa:

- Cara senhora, o mesmo me espera. Sou judeu como a senhora.

No decorrer dos relatos Rajchman encontra-se à caminho das câmaras de gás. Porém, não será gaseificado, mas transferido para o campo dois, onde se transforma em carregador de cadáveres. Seria seu segundo trabalho no Sonderkommando:

De repente, surge outro assassino. Ele nos diz para guardar nossos carrinhos e nos designa outra tarefa. Temos que pegar uma espécie de macas que parecem com uma escada, cobertas de sangue. Pegamos as macas em dupla. Ele nos empurra para um galpão bem afastado. No interior, seres humanos inertes formam montes de cerca de uma andar de altura. São pessoas asfixiadas.<sup>80</sup>

Após um período como carregador de cadáveres torna-se dentista, encarregado de extrair as coroas dos dentes compostas de ouro. Assim Chil Rajchman passa por todos os setores do “Sonderkommando” e sobrevive dia após dia devido a acontecimentos extraordinários que envolvem, segundo o autor, muita sorte. Assim presencia e torna-se uma testemunha incontestável dos campos de extermínio, conhece e relata a “máquina” de Treblinka com detalhes extraordinários.

Junto a outros judeus consegue, em 1943, armar uma insurreição e ser um dos 57 sobreviventes, e assim liquidar o funcionamento do campo de Treblinka.

Como já mencionei, no fim os internos sobreviviam mais tempo, o que foi determinante. Podíamos nós conhecer melhor uns aos outros. Passamos a estabelecer uma confiança mútua e começamos a pensar num jeito de sair dali.<sup>81</sup>

A insurreição do campo demorara mais do que o esperado pelos prisioneiros a primeira tentativa fracassara, mas logo após o levante é reorganizado pelo Sonderkommando.

Rajchman relata a seguir os principais momentos da fuga de Treblinka.

Ouvimos dois disparos provenientes do campo nº1, é o sinal do início do levante. Após alguns minutos, recebemos ordens para abandonar o trabalho. Corremos todos para os nossos postos. Após mais alguns

---

<sup>80</sup> Ibidem. p. 64.

<sup>81</sup> RAJCHMAN, Chil. Op.cit. p 126.

segundo, um fogo violento ergue-se das câmaras de gás: foram incendiadas.

(...)

Nós dirigimos para as cercas aos gritos de “Revolução Treblinka!”. Alguns ucranianos em debandada, erguem os braços. Tomamos suas armas. Cortamos os arames farpados um depois do outro. Já estamos na terceira cerca.<sup>82</sup>

A fuga é descrita como um acontecimento impressionante, além de possuir uma indescritível riqueza de detalhes explanados pelo autor. Após a fuga, Rajchman relata seu primeiro contato fora do campo com uma precisão extraordinária, talvez por ter sido seu primeiro contato com a humanidade. Auxiliado por um casal que lhe deu abrigo, consegue escapar da perseguição:

O homem se aproxima e vejo pelas suas roupas que se trata de um camponês, pergunto-lhe o caminho. Ele não pensa muito e me diz:

- Talvez você seja um dos que fugiram de Treblinka...

Como vejo que demonstra compaixão por mim, respondo lhe que de fato fugi, e peço-lhe ajuda.

(...)

Quando entro em sua casa, vejo uma mulher com um bebê nos braços. Aperto o bebê no meu peito e beijo-o. Ela me olha estupefata, e eu lhe digo:

- Cara senhora, faz um ano que não vejo uma criança viva...

Choramos juntos. Ela me dá de comer e, percebendo que estou encharcado, me traz uma camisa de seu marido. Ela sublinha que se trata de sua última camisa.<sup>83</sup>

Durante todo o relato Rajchman refere-se aos SS como assassinos. Essa designação é usada 87 vezes em seu livro. Em artigo da historiadora Helenice Rodrigues, ela discute esta “transfiguração” dos soldados nazistas em “outros”, “eles”, os “nazistas”. A autora, ao analisar a entrevista feita com um sobrevivente de um campo de concentração, observa:

É importante assinalar a utilização do pronome “eles” ao longo da narrativa, em substituição ao substantivo “nazistas”, “alemães”, “vichistas”. Essa indeterminação do sujeito pode ser analisada como reflexo da dificuldade de nomenclatura dos algozes. O pronome “eles” parece ser mais neutro, ter um peso menor que os substantivos correspondentes.

---

<sup>82</sup> RAJCHMAN, Chil. Op.cit. p 135.

<sup>83</sup> Idem. Ibidem. p. 142.

A designação dos carrascos corresponde à busca pela afirmação da catástrofe. A designação dos soldados de Treblinka como “assassinos”, “cruéis”, encontrado em todo o transcorrer do relato de Rajchman parece ser uma forma encontrada pelo autor de reivindicar para si o papel de vítima e de dialogar com um sentimento difícil de ter feito parte do “Sonderkommando”. O posicionamento do autor, em relação aos soldados do campo, pode ser interpretado como uma forma de se posicionar frente à imposição do trabalho no “Sonderkommando”.

Os judeus que pertenciam a esta “brigada de trabalho”, não só no campo de Treblinka, mas também em diversos outros, além de estarem confinados, tinham que desempenhar papéis que auxiliavam no extermínio de seus semelhantes. O relato de tal situação, enfrentada por este contingente de indivíduos, é muito raro, já que os membros desta “brigada de trabalho” também eram exterminados, na maioria das vezes.

Neste ponto, as narrativas dos outros autores encontram mais um ponto de diferença. No caso de Levi, o trabalho desempenhado no campo foi de “auxiliar químico” no qual desempenhava trabalhos de produção de borracha sintética. No caso de Elie Wiesel, o autor ficou confinado desempenhando apenas “trabalhos braçais”, como construção de dependências, estradas entre outros. Rajchman é um entre poucos sobreviventes dos Sonderkommandos existentes nos campos de concentração.

O trabalho desempenhado por estes esquadrões pode ter sido o maior dos motivos que levaram o autor Chil Rajchman ao silenciamento da experiência concentracional, durante grande parte de sua vida. O autor, após a “libertação”, mantém o relato, escrito ainda durante a guerra, restrito aos seus parentes e amigos mais próximos, o revelando apenas em “ocasiões outras”, como os julgamentos, e os depoimentos. O que nos leva a questionar quais os motivos que o haveriam levado a este “silenciamento”, será que como analisa Levi suas memórias são indescritíveis;

Os sobreviventes dos Esquadrões Especiais, portanto foram pouquíssimos, salvos da morte por algum lance imprevisível do destino. Nenhum deles, após a libertação, falou de bom grado, e nenhum fala de bom grado de sua terrível condição. As informações que possuímos sobre os Esquadrões provêm dos minguados depoimentos desses sobreviventes; das confissões de seus “mandantes” processados diante de diferentes tribunais; de alusões contidas em depoimentos de “civis” alemães ou poloneses, que casualmente tiveram a oportunidade de entrar em contato com os esquadrões; e, finalmente, de páginas de diários escritos febrilmente

para memória futura, e sepultadas com extremo cuidado nas proximidades dos fornos crematórios de Auschwitz, por parte de seus componentes.<sup>84</sup>

Levi ainda ressalta que:

Os Esquadrões Especiais eram constituídos em sua maior parte pelos judeus. Por um lado, isso não pode espantar, uma vez que o objetivo principal do Lager era destruir os judeus.(...) por outro, fica-se atônito diante deste paroxismo de perfídia e de ódio: os judeus é que deveriam pôr nos fornos os judeus, devia-se demonstrar que os judeus, sub-raça, sub-homens, se dobravam a qualquer humilhação, inclusive a destruição de si mesmos.<sup>85</sup>

Não é difícil encontrar nos relatos as justificativas para as narrações da Shoah. Após o trauma, os sobreviventes tomam para si o “dever da memória”.

Paul Ricoeur posiciona-se em relação a esse dever da memória e propõe, além dela, uma “justa memória”. Sobre isso, comenta Helenice Rodrigues:

Em sua obra-síntese, *La mémoire, l'histoire, l'oubli*, Paul Ricoeur procura enquadrar conceitualmente as relações problemáticas que entrelaçam a história, a memória e a justiça, através de uma interrogação sobre a memória dos testemunhos (esses sobreviventes da grande catástrofe do século XX), em relação a história dos historiadores. As pretensões destes últimos, muitas vezes, se rivalizam com os interesses dos primeiros, sobretudo quando se trata de condenar os “excessos” da memória. Entre o dever de fidelidade e as exigências da verdade histórica, Ricoeur defende uma política da “justa memória”. Isso implica a idéia imperativa de um “dever da memória” e de uma “dívida” em relação às vítimas da história, sem deixar de renegar à história sua autonomia e sua “função corretiva de verdade”<sup>86</sup>

Segundo Ricoeur, não basta o dever da memória, mas defender uma política da justa memória, o que seria o reconhecimento do dever da memória e, ao mesmo tempo, a defesa do papel do historiador. Quer dizer, a memória não pode substituir a história. Os testemunhos são importantes, mas não devem ser tomados como “A História” e sim como fontes para solucionar lacunas deixadas pelos opressores e seu “sistema” não só de eliminação dos indivíduos (judeus) como a exterminação de suas memórias e cultura. Cabe ao historiador fazer dos testemunhos fontes para a compreensão de um determinado período da sociedade.

<sup>84</sup> LEVI, Primo. Op.cit. p. 43-44.

<sup>85</sup> Idem. Op.cit. p. 44.

<sup>86</sup> RICOEUR, Paul, citado em SILVA, Helenice Rodrigues. Op cit. p. 436.

A partir da análise dos relatos é possível encontrar entre eles diferentes motivos e perspectivas de narração. Porém, todos têm um objetivo comum: não esquecer.

Rajchman afirma que a sua sobrevivência nos campos de concentração se justificaria pelo seu dever de testemunhar. O mais intrigante é tentar compreender porque houve um período em que o relato manteve-se não publicado, ou seja, porque o autor se sente na obrigação de testemunhar, ainda durante a guerra, e o guarda para si, considerando que já haviam muitos relatos publicados. No final do livro, no trecho em que relata a importância da narração, comenta:

Sim, sobrevivi e sou livre, mas para quê? Pergunto-me com frequência. Para contar o assassinato de milhões de vítimas inocentes, para dar testemunho de um sangue inocente, derramado por assassinos.

Sim, sobrevivi para dar testemunho deste grande abatedouro: Treblinka.<sup>87</sup>

Rajchman guardou para si seu testemunho desde o final da guerra até 2009 aproximadamente.

O nome de Rajchman e seu testemunho podem ser encontrados no link do museu de Yad Vashem, United States Holocaust Memorial Museum e Shoah Foundation Institute, Ele foi testemunha nos julgamentos internacionais em Düsseldorf (1965), Cleveland (1981) e também é citado como testemunha no processo contra Demjanjuk<sup>88</sup> em Jerusalém (1987).

Há poucos artigos que discutam os relatos de Rajchman. Um dos poucos encontrados é o de Thomas Kues<sup>89</sup>, revisionista, com o título “Chil Rajchman e suas Memórias”, no qual o autor faz críticas ao relato de Rajchman, alegando não serem confiáveis e que suas afirmações são exageradas. Além disso, afirma haver discrepâncias entre o relato autobiográfico e o testemunho prestado por Rajchman tempos depois.

---

<sup>87</sup> RAJCHMAN, Chil. Op.cit. p. 145.

<sup>88</sup> Citado no prefácio do livro: idem pág. 15. Nascido na Ucrânia, em 3 de abril de 1920, Demjanjuk foi acusado de servir como voluntário em campos de concentração nazista e de extermínio. Os sobreviventes em depoimentos judiciais afirmam que ele era o famoso Ivan, o Terrível, um guarda que dirigia as câmaras de gás no campo de extermínio nazista Treblinka na Polônia.

Campo de concentração destina-se ao confinamento de indivíduos com objetivo de utilizar sua força de trabalho; Campo de extermínio destina-se exclusivamente ao extermínio imediato ou logo após o confinamento, por meio de eliminação nas câmaras de gás, execução ou outros meios; fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Campo\\_de\\_concentra%C3%A7%C3%A3o](http://pt.wikipedia.org/wiki/Campo_de_concentra%C3%A7%C3%A3o) acesso 10/11/09.

<sup>89</sup> KUES, Thomas. Chil Rajchman e suas memórias. Fonte: [http://www.inconvenienthistory.com/archive/2010/volume\\_2/number\\_1/chil\\_rajchmans\\_treblinka\\_memoirs.php](http://www.inconvenienthistory.com/archive/2010/volume_2/number_1/chil_rajchmans_treblinka_memoirs.php). primeiro acesso 15/03/10

O relato de Rajchman é aterrador, mas não há provas além de seu testemunho. Porém, como afirma Todorov, os testemunhos devem ser vistos como verdades do sujeito. Quanto às supervalorizações e às discrepâncias entre a biografia e o testemunho em processos, é interessante lembrar que entre um e outro passaram-se em torno de 40 anos. O que pode ter ocorrido entre um período e outro é o esquecimento, sobre os quais Thomas Kues faz tantas críticas.

Como já foi explanado anteriormente, as alegações negacionistas, além de desqualificar as testemunhas, tendem a fazer simplificações dos fatos, o que é inconcebível após tantos estudos acerca da memória e suas representações. Citei o artigo como exemplo de uma obra que busca encontrar explicações em situações indescritíveis.

Rajchman e outros sobreviventes da América latina tiveram suas memórias retratadas a partir do documentário “Apesar de Treblinka”, do diretor Gerardo Stawsky,<sup>90</sup> de 2002. Também é possível encontrar pequeno trecho de um depoimento seu no youtube<sup>91</sup>, no qual o autor fala brevemente sobre o tempo em que esteve nos campos de concentração. Porém em nenhum momento comenta a intenção de ver suas memórias escritas publicadas, mas apenas como os fatos ocorreram e sua sobrevivência.

Depois da guerra, Chil Rajchman casa com Lila que lhe dará três filhos. Deixa a Polônia no fim de 1946 para ir viver no Uruguai. É testemunha em vários processos contra antigos SS. Durante toda a sua vida, conserva o seu texto com ele e consulta-o cada vez que a memória lhe falha. Morre em 2004, em Montevideu, pedindo à sua família para publicar a sua história.

---

<sup>90</sup> Documentário: Apesar de Treblinka, diretor Gerardo Stawsky. 2002. Produzido pela Universidad *Ort Uruguay*. Fonte primeiro acesso 20/04/10: [http://www.malba.org.ar/web/cine\\_película.php?id=217&subseccion=películas\\_proyectadas](http://www.malba.org.ar/web/cine_película.php?id=217&subseccion=películas_proyectadas). Retrata os sobreviventes do Holocausto que emigraram para a América latina, testemunho e recordação de um experiência de horror insuportável. O passado e o presente, com a incorporação de materiais de arquivo que atestam as declarações das vítimas. Acesso 24/04/10

<sup>91</sup> Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=LOCP0DXaftM> acesso 24/04/10

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A memória é construída a partir das experiências de vida, mas também pode ser conformada por outros meios, como através da mídia, da leitura, da escola, enfim, das interações sociais. A memória autobiográfica pode ser reconstruída e reinterpretada até no momento da narração. Este período de “reconstrução” é o que dá sentido/significado para a narração/testemunho.

O indivíduo, através da memória e da subjetividade, dá um sentido à história individual e também à memória de um determinado grupo. O testemunho de períodos traumáticos, como no caso das memórias de Chil Rajchman, podem ser um meio de representar traumas, neuroses, medos e silêncios. O momento da rememoração é também propício para a superação dos traumas ou denominado como “trabalho de luto”. Os relatos de sobreviventes de eventos traumáticos têm como preceito auxiliar o trabalho de luto.

Não há narração sem alterações, anexações ou períodos obscuros e silenciados, assim como não há testemunho sem que o indivíduo tenha vivido o fato ou o presenciado.

O testemunho ou as autobiografias dos sobreviventes são escritos num momento presente e é a partir desta temporalidade que o indivíduo narra suas memórias de diferentes formas conforme o interlocutor que o ouve. Perguntas são respondidas de diferentes formas em diferentes lugares sociais. Rajchman narrou diversas vezes o

período em que esteve no campo de concentração (durante julgamentos ou depoimentos), porém durante toda sua vida não publicou seu caderno de memórias, escrito ainda durante a guerra, talvez por ser mais pessoal e também conter os momentos mais traumáticos de sua vida.

A questão da problemática do Holocausto, suas memórias e os testemunhos não devem ser deixadas de lado pelas testemunhas restantes, nem pelos historiadores do tempo presente. Sabe-se que muitas das questões acerca da temática já foram intensamente discutidas, porém elas não devem cair na banalidade e ser esquecidas, pois ainda existem céticos que negam os fatos e as provas existentes.

Os sobreviventes do Holocausto que ainda estão vivos narram suas memórias através de livros, depoimentos, autobiografias, porém, como é natural, estas pessoas estão morrendo devido à idade avançada. Logo as testemunhas não existirão mais, mas os documentos deixados por elas retrataram para sempre a rememoração destes fatos vividos.

Devido às possibilidades que estes testemunhos trazem, espera-se poder estender a atual pesquisa num trabalho acadêmico posterior, através da análise de relatos de sobreviventes que migraram para o Brasil. As perspectivas de trabalho em relação à memória são extremamente interessantes. Nas análises é possível elucidar interrogações, valores, traumas, silenciamentos, identidades, reestruturações. Portanto a memória/testemunho é um campo privilegiado para a compreensão do passado e suas circunstâncias traumáticas, além de apresentar-se como campo e fonte essencial da história apresentando diversos desafios ao historiador do tempo presente.

## BIBLIOGRAFIA

AGAMBEN, Giorgio. 1942 – *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha*. (tradução Selvino J. Assmann). São Paulo: Boitempo, 2008.

BAER, Alejandro. *Holocausto. Recuerdo y representación*. Editora Losada. 1ª ed. 2006; Madrid, España.

FÉLIX, Loiva Otero. *História & memória: a problemática da pesquisa*. Passo Fundo: Ediupf, 1998.

FERNANDES, Fabrício Flores. *A escrita da dor: testemunhos da ditadura militar*. Campinas, São Paulo: [s.n.], 2008.

FREUD, Sigmund *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006.

HALBWACHS, Maurice, 1977 – 1945. *A memória coletiva*. (tradução de Beatriz Sidou). São Paulo: Centauro, 2006.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos. Breve século XX 1914/1991*. Companhia das Letras. São Paulo 1994.

LACAPRA, Dominick. *Representar el Holocausto: historia, teoría y trauma*. Buenos Aires,

LACAPRA, Dominick. *Historia e memoria después de Auschwitz*. Buenos Aires: Prometeu Libros, 2009

LEVI, Giovanni. *Usos da biografia. In: Usos & abusos da história oral.* (Janaina Amado e Marieta de Moraes Ferreira, coordenadoras). 5 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes.* Tradução Luiz Sérgio Henriques. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

LEVI, Primo. *É isto um homem?.* Tradução de Luigi DelRe. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

LE GOFF, Jacques. *História e memória.* Tradução. Bernardo Leitão. 2 ed. Campinas, SP; Editora da UNICAMP, 1992.

LORIGA, Sabina. *A tarefa do historiador. In: Memórias e narrativas (auto) biográficas.* (Angela de castro Gomes e Benito Bisso Schmidt, organizadores). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

MARRUS, Michael Robert. *A assustadora história do holocausto.* Michael R. Marrus; tradução Alexandre Martins. Rio de Janeiro. Ediouro, 2003

POGGIO, Pier Paolo. *Nazismo e revisionismo storico,* tradução Marta Malo de Molina Bodegón. Espanha, 2006. Madrid. Editora Akal S.A

PORTELLI, Alessandro, O massacre de Civitella. In: *Usos & abusos da história oral/* Janaina Amado e Marieta de Moraes Ferreira, coordenadoras. 5 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

RAJCHMAN, Chil. *Eu sou o último judeu: Treblinka (1942 – 1943).* (Trad. André Telles). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento.* Campinas, São Paulo. Editora da UNICAMP, 2007.

SARLO, Beatriz. *Tiempo pasado: cultura de la memoria y giro subjetivo. Una discusión .* Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, memória, literatura: O testemunho na Era das Catástrofes.* Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

TAVARES, Flávio. *Memórias do esquecimento.* São Paulo: Globo, 1999.

TODOROV, Tzvetan. *Memória do mal, tentação do bem.* (tradução de Joana Angélica D'Avila Melo). São Paulo: Arx, 2002.

VIDAL-NAQUET, Pierre, 1930. *Os assassinos da memória: um Eichmann de papel e outros ensaios sobre o revisionismo.* (tradução de Marina Appenzler). Campinas, SP: Papirus, 1998.

VON PLATO, Alexander. *Traumas da Alemanha*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, FERNANDES, Tania M.; ALBERTI, Verena (Org.) *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz/CPDOC - Fundação Getúlio Vargas, 2000.

WIESEL, Elie. *A noite*; Tradução Irene Ernest Dias. 3 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

## REVISTAS/ARTIGOS

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento – DOS SANTOS. Myriam Sepúlveda. *História, memória e esquecimento: implicações políticas*. Revista Critica de Ciências Sociais, 79, dezembro 2007: 95-111.

BRAGA, Elizabeth dos Santos. *Memória e narrativa: da dramática constituição do sujeito social*. Campinas, São Paulo. 2002

CALDAS, Pedro Spinola Pereira. *Ambigüidade do silêncio: O Holocausto como problema teórico*. Fronteiras, Campo Grande, MS, 5(10): 37-62. jul./dez. 2001.

FERREIRA, Jorge. *Problematizando a Segunda Guerra Mundial*. Tempo, Rio de Janeiro, Vol. 1, nº 1, 1996, p. 189-194.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Verdade e memória do passado*. Projeto História, São Paulo, (17), nov. 1998.

LERNER, Kátia. *Entrevistando sobreviventes do Holocausto: reflexões sobre a construção de um arquivo*. Estudos históricos, Rio de Janeiro, nº. 36, julho-dezembro de 2005, p. 75-91.

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5 n. 10, 1992, p 200- 212.

POLLAK, Michel. *Memória, esquecimento, silêncio*. *Estudos Históricos*, rio de janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. p. 06.

RODRIGUES, Helenice. *Narrar, transmitir, representar: o testemunho de um sobrevivente francês (Judeu e resistente) dos campos de concentração nazista*. *Revista Anos 90*, Porto Alegre, v.15, n. 28, p. 221-252, dez.2008.

SELIGMANN-SILVA Márcio. *Testemunho e a política da memória: o tempo depois das Catástrofes*. *Projeto História*, São Paulo, (30), p. 71-98, jun. 2005.

SILVA, Helenice Rodrigues. “Rememoração”/comemoração: as utilizações sociais da memória. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.22, nº44, pp. 425-438, 2002

## PÁGINAS DA INTERNET

Fundação da História Visual dos Sobreviventes da Shoah.

Homepage: <http://hsw.com.br/framed.htm?parent=shoah.htm&url=http://www.vhf.org/>  
primeiro acesso 20/10/09

Yad Vashem Museum Fonte: <http://www1.yadvashem.org/es/about/index.asp> primeiro  
acesso 10/11/09

United States Holocaust Memorial Museum Fonte: <http://www.ushmm.org/> primeiro  
acesso 11/10/09

Monumento de Berlin

Fonte: <http://www.viajandaunblog.pop.com.br/post/332/monumento-ao-holocausto-em-berlim>

Documentário: *Apesar de Treblinka*, diretor Gerardo Stawsky. 2002. Produzido pela  
Universidad Ort Uruguay. Fonte:

[http://www.malba.org.ar/web/cine\\_pelicula.php?  
id=217&subseccion=peliculas\\_proyectadas](http://www.malba.org.ar/web/cine_pelicula.php?id=217&subseccion=peliculas_proyectadas) primeiro acesso 13/03/10

KUES, Thomas. *Chil Rajchman e suas memórias* Fonte:

[http://www.inconvenienthistory.com/archive/2010/volume\\_2/number\\_1/chil\\_rajchmans  
\\_treblinka\\_memoirs.php](http://www.inconvenienthistory.com/archive/2010/volume_2/number_1/chil_rajchmans_treblinka_memoirs.php) primeiro acesso 24/04/10

Testemunho de Chil Rajchman <http://www.youtube.com/watch?v=LOCP0DXaftM>  
primeiro acesso 24/04/10